

Reinaldo Thommen



**O lado pitoresco
das auditorias**

De memória notável, Reinaldo Thommen registra em 'O lado pitoresco das auditorias' uma centena de histórias ambientadas no Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso, onde foi auditor por cerca de trinta anos. São relatos do cotidiano que mexem com nosso imaginário, levando-nos a boas gargalhadas e ao saudosismo. Esses verdadeiros heróis vivenciaram, em suas profissões, medos e perigos que, contados neste livro com leveza, se transformam em lembranças bem humoradas.

Com certeza, hoje, a realidade do TC deve estar diferente: os novos auditores já encontram melhores condições de trabalho...

Com base na vasta experiência do Reinaldo, certamente os colegas vão tê-lo como ídolo, pela sua sensibilidade em deixar marcada a sua passagem nessa respeitada entidade.

Parabéns, meu amigo, por guardar no peito, por tanto tempo, seu amor pela profissão, e pela sua generosidade em compartilhar conosco estas preciosidades.

Roseli Arruda Ferri
Jornalista

Reinaldo Thommen



**O lado pitoresco
das auditorias**

© Reinaldo Thommen, 2013.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem a autorização expressa do autor. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T466l

Thommen, Reinaldo.

O lado pitoresco das auditorias / Reinaldo Thommen. -
Cuiabá : Publicontas, 2013.

176p. ; 13,5x21 cm.

ISBN 978-85-98587-40-0

1. Contos cômicos. 2. Literatura. 3. Produção de texto.
I- Título.

CDU 82-341

Jânia Gomes

Bibliotecária CRB1 2215

PRODUÇÃO

Secretaria de Comunicação do TCE-MT

SUPERVISÃO José Roberto Amador | Secretário de Comunicação

EDIÇÃO

Publicontas - Editora do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso

PROJETO EDITORIAL..... Doriane Miloch | Coordenadora da Editora do TCE-MT

CAPA..... Rodrigo Canellas | Coordenador de Publicidade

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Ricardo Leite

REVISÃO Cristina Campos

FECHAMENTO DE ARQUIVO..... Doriane Miloch



PUBLICONTAS
Mato Grosso

Editora do Tribunal de Contas de Mato Grosso



Tribunal de Contas
Mato Grosso

INSTRUMENTO DE CIDADANIA

Rua Conselheiro Benjamin Duarte Monteiro, nº 1
Centro Político Administrativo - Cuiabá-MT - CEP 78049-915
(65) 3613-7561 - publicontas@tce.mt.gov.br

Reinaldo Thommen



O lado pitoresco das auditorias



PUBLICONTAS

Editora do Tribunal de Contas de Mato Grosso

*Agradeço intensamente a todos os colegas do
Tribunal de Contas de Mato Grosso, que me
proporcionaram material para estas histórias, aos
personagens e àqueles que, com sua boa vontade,
trouxeram casos ao meu conhecimento.*

*Agradeço também à classe dos Contadores, que
nos recebem todos os dias em todos os cantos deste
imenso Estado de Mato Grosso.*

*À minha irmã Beatrice Thommen Maciel, que
pacientemente revisou este trabalho.*

*Não poderia deixar de agradecer especialmente à
minha esposa, Rozidelma, pela compreensão em
todos estes anos que precisei ausentar-me tanto,*

devido ao cargo que escolhi:

Auditor Público Externo.

APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2013, o Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso completa 60 anos de história. Desde a sua criação pela Lei Constitucional nº 2, de 31 de outubro de 1953, durante o mandato do então governador Fernando Correa da Costa, o TCE-MT tem participação ativa no desenvolvimento da administração pública do estado e dos seus municípios.

Nesse sentido, o livro ‘O lado pitoresco das auditorias’, de autoria do auditor público externo Reinaldo Thommen, inaugura uma série de ações programadas para as comemorações dos 60 anos do TCE-MT.

Na prática, enquanto auditor, Reinaldo vivenciou quase metade dessa história e foi reunindo, ao longo do tempo, os “causos” envolvendo a atividade de controle externo.

A sensibilidade para ouvir e colecionar histórias permitiu ao autor retroagir ao próprio ingresso na instituição, resultando nesta publicação onde, de forma leve e bem-humorada, ele revisita o Mato Grosso pré-divisão, suas cidades históricas e as peculiaridades da ocupação humana em cada uma das regiões internas de um estado continental.

Não espere encontrar aqui relatórios técnicos, análises ou números frios de contabilidade e administração. Reinaldo busca o lado pitoresco e humano das inspeções e auditorias in loco realizadas pelas equipes do TCE-MT no exercício da sua atividade. Acaba servindo como registro sociológico de um período, de um território e dos seus desbravadores, entre os quais os auditores do Tribunal de Contas. Uma leitura aprazível e construtiva.

José Carlos Novelli

Conselheiro Presidente do

Tribunal de Contas de Mato Grosso

NOTA DO AUTOR

Este livro destina-se não apenas a profissionais ligados à Auditoria, mas a todas as pessoas interessadas em entretenimento através da leitura de fatos curiosos, ocorridos em várias partes do nosso estado de Mato Grosso no dia a dia do auditor.

Claro que, nessas idas e vindas, não poderiam deixar de ocorrer fatos pitorescos e engraçados, como acontece em todas as profissões.

Algumas destas histórias chegaram ao meu conhecimento; outras presenciei e em outras ainda fui partícipe, nestes mais de vinte e sete anos como auditor no Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso.

A simples narrativa destes fatos não vem denegrir, de forma alguma, a imagem do auditor, ou mesmo da classe dos prefeitos e presidentes de Câmaras Municipais que nos recebem diariamente em seus gabinetes. Pelo contrário, procura enaltecer o trabalho desses profissionais dedicados, que levam às Prefeituras orientação e interação entre as partes.

Antes de entrarmos propriamente na matéria, faz-se necessário esclarecer que, durante todo esse tempo viajando, já andei na carroceria de Saveiro; de motor de popa, lá pelo lado do rio Araguaia; já tivemos nosso carro rebocado por trator nos atoleiros; só não andei no lombo de mula, mas, se neces-

sário fosse, não me faria de rogado, considerando que já usei muito esse tipo de transporte, tempos atrás.

O que me levou a escrever este livro foi a necessidade de deixar para a posteridade alguma coisa gravada sobre as nossas aventuras vivenciadas no dia a dia, pois, nas confraternizações ou mesmo nas horas de folga em que nos reunimos, tem sempre algum colega narrando um fato, que logo se transforma em uma grande risada, mas que, imediatamente, se apaga da memória.

Assim, fui encorajado pelos colegas para que passasse para o papel as nossas divertidas peripécias.

Observando as regras literárias de só registrar o milagre e deixar o santo para o leitor identificá-lo, achei por bem mencionar alguns nomes para dar sobrevivência a vários contos, pois entendi que ficaria mais interessante, com mais clareza e ênfase.

Uma das frases mais lindas que eu vi nestas minhas andanças, a serviço do Tribunal de Contas, estava estampada na camiseta de uma aluna, bem no interior do nosso Mato Grosso, que me chamou muito a atenção, fazendo-me meditar e tirar muitas conclusões a respeito da vida, era o seguinte: “Enxerga mais longe a gaivota que voa mais alto”. Sinceramente, emocionou-me!

Boa leitura e bom divertimento.

SUMÁRIO

PRIMEIRA VIAGEM	13
HOTEL DO GAÚCHO	15
VIAGEM DE TECO-TECO	17
BANG-BANG	19
TIMÃO POR UM FIO	21
BARATAS	23
O COLEGA CHARLES	25
O EMPENHO DA VACA	27
ATRAVESSANDO NUMA PINGUELA	29
PILOTO QUE CONVERSAVA COM O PAINEL	31
QUANDO A LUZ ACABAVA	33
VENTILADOR OU AR-CONDICIONADO?	35
UM CACHORRO NO MEIO DA PONTE	37
“VER O PESO”	39
TEM GADO NA PISTA	41
SALSICHÃO VERMELHO	43
CAITITU NO MEIO DO CAMINHO	44
A HISTÓRIA DO PALITO DE DENTE	46
DIFICULDADE PARA SE TOMAR BANHO	47
INAUGURAÇÃO DA LANCHONETE	49
MEDO NO HOTEL	51
CAMPAINHA DO RECREIO	52
NAS ASAS DA TAM	53
A PISTA NÃO VAI DAR	54
COMIDA A BORDO	55
PROJETO: MÁQUINA DATILOGRÁFICA OU LIVRO	56
SENTADO NO TRONO	57
PEGOU ESPÍRITO	59
LAVANDO O CARRO NAS ÁGUAS DO ARAGUAIA	60
RONCANDO A NOITE TODA	62
CURIOSO	63
SUCO DE LARANJA	65
PASTEL NO CAFÉ DA MANHÃ	67
XIXIZINHO BÁSICO	69
O DEFUNTO	71
FESTA DE SÃO JOÃO	72
DOIS GATOS	74
GARANHÃO	75
DELEGADO	76
A CORRIDA DE TÁXI	77
A TURBINADA	78
MEDO DE AVIÃO	79
TRÊS BANQUINHOS	80
SUMIÇO DO COBERTOR	81
CHEGARAM OS HOMENS	82
MEDO DO IBAMA	83
CADÊ O CINTO?	84
SOBRE AS ÁGUAS DO RIO GUAPORÉ	85

VISITA À ILHA.....	87
OLHAR INDISCRETO – I.....	88
O CANTO DA MARITACA.....	90
VALHA-ME DEUS!.....	92
VOU BUSCAR O MEU CHAPÉU.....	94
VERDADE VERDADEIRA.....	96
PERIGO NAS ÁGUAS DO ARAGUAIA.....	97
PASSARINHO QUE ACOMPANHA MORCEGO	
DORME DE CABEÇA PARA BAIXO.....	99
O TAMANHO DA COBRA.....	101
RESTAURANTE FRANCÊS.....	103
CAFÉ REFORÇADO.....	105
PINTO ALEGRE.....	107
PEIXE NA PIRACEMA.....	109
CHÁ DO ZETI.....	111
JANTAR SEM GRAÇA.....	113
TÔ NA TV.....	115
O MELHOR BIFE DO MUNDO.....	117
SALTO NA CACHOEIRA.....	118
FALANDO DIFÍCIL.....	120
PERIGO NO AR.....	122
CADÊ A PISTA?.....	124
ACABOU O ÁLCOOL!.....	126
TOMAR UMA PROVIDÊNCIA.....	128
MAL-ENTENDIDO.....	129
PANE LEVE.....	130
MISS MUNDO.....	132
APURO NO TÁXI.....	134
SUSTO NO CAFÉ.....	136
COLEGA REPÓRTER.....	138
BANHO COMPLICADO.....	140
OLHAR INDISCRETO – II.....	142
PISTA CURTA.....	144
SUSTO NA PREFEITURA.....	146
MORCEGOS.....	148
POLIGLOTA.....	149
VIAGEM A COMODORO.....	151
VIDAS EM RISCO.....	153
NAS ASAS DO CARAVAN.....	155
CARRO TROCADO.....	157
CATAR MINHOCA.....	159
BANHO DE GATO.....	161
SUSTO COM O CONTADOR.....	163
O LANCHE QUE NÃO VEIO.....	165
SENHA VENCIDA.....	167
A BELA QUERÊNCIA.....	169
EXEMPLO DE SUPERAÇÃO.....	171
FALSO MENDIGO.....	173
ALMOÇO DE DOMINGO.....	174
REFLEXÃO FINAL.....	176

PRIMEIRA VIAGEM

*Somos o que fazemos, mas somos,
principalmente, o que fazemos para
mudar o que somos.*

Eduardo Galeano

Neste texto, quero fazer uma justa homenagem ao colega, companheiro, professor, Júlio Dias de Amorim, que hoje já não mais se encontra junto a nós, com o qual tive a honra de viajar pela primeira vez, não me lembro mais de qual era a rota, só sei que foi muito proveitosa e serviu de modelo para as demais que realizei.

Tudo nesta vida tem sua primeira vez, e comigo não foi diferente: senti ansiedade, nervosismo e confesso que cheguei a sentir medo. Porém, com o passar das horas, a presença deste companheiro, como um escudo protetor, me encorajou.

Com ele, aprendi o simples ato de adentrar numa Prefeitura, pedir os documentos que necessitávamos para desenvolver nosso trabalho, a ser humilde nas atitudes e cortês com as pessoas com quem íamos conviver, jamais ser arrogante e usar o cargo de forma inibitória com aquela gente.

Nesta viagem, o que ficou marcado foi um fato que ocorreu num determinado município. Lá, estávamos assistindo à

luta do pugilista Maguila na televisão e, eis que de repente, não sei por quê, o dono da pensão, sem ao menos nos consultar, desligou o aparelho na nossa cara alegando que, no seu estabelecimento, o som teria que ser desligado após às 22:00 h.

Naquele momento, senti vontade de reagir e religá-lo, mas fui “acalmado” pelas doces palavras do meu nobre companheiro, que suavemente me disse:

— Deixa pra lá, vamos dormir.

Confesso que, na hora, não concordei, porém hoje, mais de vinte anos depois desse episódio, vejo, com clareza divina, que o meu colega tinha razão.

Não devemos nos estressar por tão pouco; melhor foi dormir mesmo e, no outro dia, já estávamos na estrada, a caminho de outro município.

Seus ensinamentos serviram de luz no meu caminho.

Obrigado, Júlio!

HOTEL DO GAÚCHO

Em uma determinada viagem a Juína-MT, estávamos praticamente “quebrados” pelos sacolejos de uma Elba, veículo não muito recomendado para aquele tipo de estrada da época, sem contar a lonjura, pois vínhamos de outro município mais distante ainda, Aripuanã-MT; já estávamos a, mais ou menos, 1.200 km de Cuiabá-MT.

Então, um fato muito interessante nos chamou a atenção. Quase todos os carros que avistávamos tinham uma motosserra à vista, o que nos deixou bastante curiosos. Mais tarde, viemos a entender a razão daquilo.

Por se tratar de uma estrada bastante fechada, quando ventava muito, costumava cair troncos de árvores sobre ela, e só podia ser desobstruída usando tal instrumento.

Chegamos neste município umas 23:00 h, aproximadamente, e tivemos que procurar algum hotel para nos alojarmos. Avistamos o melhor da cidade, que consideramos incompatível com a nossa diária.

Imediatamente, fomos para um mais acanhado que, se não me falha a memória, se chamava Hotel do Gaúcho, todo de madeira, com o quarto bastante reduzido para receber três hóspedes, eu, Júlio Amorim e o nosso motorista Gusmão, que infelizmente também não mais se encontra em nosso meio.

Após deixarmos as malas no hotel, saímos para fazermos um lanche.

Como não sabíamos quantos dias demoraria a inspeção, e como a grana já estava curta, comemos só um pãozinho com uma manteiga bem rala e um bifinho; assim passamos a primeira noite por lá.

No outro dia, quando nos apresentamos ao prefeito, o mesmo perguntou em que hotel havíamos nos instalado. Foi quando o Júlio informou que estávamos no “Gaúcho”, o que causou certo desconforto no prefeito, pois ele também era dono daquele bom hotel. Determinou, de imediato, que nos alojássemos lá.

Foi aí que, mais uma vez, conheci a grandeza do companheiro Júlio Amorim, que, como um lorde inglês, teve a educação em agradecer e, ao mesmo tempo, dispensar essa gentileza, argumentando que ele era acostumado às “pensões desta vida”, e que eu era nascido em fazenda, também acostumado à vida dura do campo.

Naquele momento, eu não concordei com o Mestre e fiz até um discurso um tanto ríspido, quando argumentei que, se ele estava bem lá no Gaúcho, eu queria, sim, estar naquele outro hotel.

Numa breve preleção, mais uma vez, o Mestre convenceu o seu discípulo, dizendo com voz serena:

— Auditor jamais deve aceitar algum tipo de generosidade quando em viagem, seja de quem for, pois a mesma mão que hoje está lhe oferecendo alguma coisa, em breve, lhe estará cobrando o favor que lhe concedeu.

Uma vez que, nesta vida, ninguém dá algo para alguém de graça, encerrou dizendo:

— Quem dá... Cobra!

Este exemplo eu procurei sempre seguir em minha vida.

VIAGEM DE TECO-TECO

*“Foi um grande conselho o que ouvi
certa vez, dado a um jovem: faça
sempre o que tiver medo de fazer.”*

Ralph Emerson

Este fato aconteceu quando, junto ao companheiro Camarão, hoje aposentado, estávamos lá pelas bandas de Água Boa-MT.

A viagem seguia normalmente, já tínhamos feito dois municípios e a nossa meta era atingir até Cocalinho-MT, na beira do rio Araguaia. Havia uma ponte interditada no meio do caminho, o que nos obrigaria a darmos uma imensa volta, praticamente retornando a Barra do Garças-MT, ou coisa assim.

Então, alguém sugeriu que o meio mais adequado para chegarmos ao nosso destino seria de avião, e por coincidência (será?) tinha um piloto que estava indo para lá nesse dia.

Confesso que, na hora, fui tomado por um medo que até então desconhecia. Senti um frio nas mãos, nos pés, a sensação esquisita de um mal súbito, mas procurei me controlar, rezando as orações aprendidas quando menino pela minha saudosa avó, e também me lembrei do meu tempo de caserna, onde os instrutores nos orientavam que, se sentíssemos medo, deveria-

mos respirar fundo e procurar controlar ao máximo o sistema nervoso.

O interessante foi que, ao entrarmos na pequenina aeronave, tipo “teco-teco”, eu me senti que nem um bode na canoa, porém notei que o meu colega era só alegria; conversava animadamente com o piloto, tomando informações sobre horas de voo e outros assuntos.

O mais importante era que o amigo do piloto, que nos acompanhava, tinha um imenso binóculo para apreciar melhor a paisagem, o qual prontamente nos ofereceu, mas eu, de imediato, agradei, pois não tinha coragem nem de olhar pela janela.

O companheiro Camarão pegou-o e ficou muito impressionado com a beleza que proporcionava com suas lentes de aumento possantes, aproximando mais lagoas e fazendas.

E assim foi, até que avistamos o município de Cocalinho-MT, onde era costume normal o piloto dar uma minirrasante, para que algum táxi da cidade fosse até o campo de pouso buscar passageiros.

Assim, estava feito o meu batismo de voar num “teco-teco”. Daí em diante, até hoje, ainda sinto um friozinho, mas nada igual ao daquele dia.

BANG-BANG

Não importa o que você diga. Alguém sempre vai entender tudo totalmente diferente do que você quis dizer.

Esta história aconteceu com uma colega durante uma viagem ao baixo Araguaia, após exaustivas horas dentro do Caravan (leia-se Barrigudinho), um pequeno avião com capacidade para nove passageiros e dois tripulantes, bastante desconfortável por sinal, porém o único que faz aquela linha na região.

A viagem corria normalmente, com duas escalas: uma em Palmas-TO e outra em São Félix do Araguaia-MT.

Em cada uma destas escalas, todo mundo descia, ia ao banheiro, bebia água e depois retornava para sua poltrona, devidamente “aliviado”, pois a aeronave não dispunha de toalete.

Nessa parada em São Felix do Araguaia-MT, numa roda de bate-papo, enquanto aguardavam a ordem do comandante para retornarem à aeronave, um determinado passageiro perguntou aos colegas de equipe:

- Vocês são do Tribunal de Contas?
- Sim! — responderam.
- Para onde que estão indo?
- Para Porto Alegre do Norte-MT.

Nesse momento, a colega, que a tudo escutava, disse:

— Tem um tal de “Luiz Bang-bang” nesse município, muito famoso. Eu estou um pouco temerosa de encontrá-lo, pois dizem muita coisa a respeito desse sujeito.

Um homem com porte de 1,80 m de altura, mais ou menos, com uma voz de locutor de rádio FM, respondeu:

— A senhorita pode ficar tranquila, nada de errado vai lhe acontecer. Eu sou o Luiz Bang-bang, às suas ordens.

A colega, de branca ficou amarela, e, com um sorriso maroto, respondeu:

— O senhor me desculpe, é que eu não o conhecia e, pensando bem, o senhor não se parece em nada com tudo o que me contaram.

E, assim, este mal-entendido terminou em gargalhada, de ambas as partes.

TIMÃO POR UM FIO

A vida real do ser humano consiste em ser feliz, principalmente por estar sempre na esperança de sê-lo muito em breve.

Edgar Allan Poe

Este fato deu-se com dois colegas corinthianos de quatro costados, daqueles que dispensam qualquer programa para ver o Timão jogar.

Estavam os dois num determinado município. À noite, ia ter jogo do Corinthians, o que, por si só, já os deixou ansiosos durante o dia, pedindo a São Jorge, protetor deste time, força no jogo de logo mais.

Assim que encerraram o expediente, lá estavam diante da telinha ouvindo aquele jargão famoso: “Alô, amigos da...”, e entrou o Timão em campo, com seu uniforme número um, tal e coisa.

Começa o jogo e, de repente...

— Pênalti a favor do Corinthians!

Nossa! Que expectativa!

De repente, acontece um lance inesperado: o canal sai do ar e entra outro, totalmente diferente.

Acontece que a televisão do quarto onde estavam hospedados era comandada por um fio, cujo controle estava em poder de alguém numa outra sala. Os dois começaram a bater na porta desesperadamente, gritando:

— Volta! Volta pro outro canal!

A pessoa responsável pelo controle retornou para o canal do respectivo jogo, mas já era tarde, já tinham batido o pênalti. O pior é que tinham batido errado, o que deixou os colegas duplamente irritados, pois, além de não poderem assistir ao lance, o Timão tinha perdido uma ótima chance de marcar um gol.

BARATAS

Falsidade é igual à barata: não tenho medo, tenho nojo.

Quando pensei em escrever este livro, recebi de muitos colegas diversos fatos relacionados com a barata – um inseto asqueroso. Narraram-me inúmeras histórias em que a praga estava sempre presente.

Eu mesmo presenciei sua aparição várias vezes: no banheiro, embaixo da cama, enfim, toda vez que chegava num hotel (na maioria das vezes simples pensão), tinha certo cuidado em verificar se não havia essa presença desagradável, e passei então a ter sempre, na mala, um tubo de inseticida pronto para espantá-la.

Portanto, como foram vários casos, vou narrá-los por etapas:

1. Este caso aconteceu com um colega que viajava comigo pela primeira vez. Chegamos num determinado hotel que, por sinal, parecia novo, cheirando a tinta, o que, a princípio, nos deu uma sensação de conforto. Após a devida acomodação, este colega deixou a sua mala aberta, enquanto fomos para a Prefeitura. Quando retornarmos, à noite, a mala es-

tava infestada de baratas, parecendo formiga quando descobre doce. O desespero tomou conta dele, tendo que mandar lavar toda a sua roupa no outro dia, sem contar o forte odor deixado por elas, que só muito desinfetante e bastante sol são capazes de tirá-lo. Acredito que, após este episódio, o referido colega tenha aprendido a lição, e jamais deixa sua mala aberta nos hotéis onde se hospeda.

2. Uma determinada colega, hospedando-se numa dessas pensões da vida, disse-me que nunca tinha visto tanta barata em sua existência. Até no frigobar, quando foi abri-lo, deparou-se com uma, o que a levou a dar uma geral no quarto. Para sua surpresa, embaixo do colchão, existia um batalhão delas. Ela só conseguiu dormir depois que o dono da pensão acomodou-a em um quarto mais asseado.
3. Outra colega acordou no meio da noite, após ter passado pelo susto de um rato andando sobre sua perna. Sentindo “aquela coisa”, acendeu a luz e ainda deu pra ver o baita do camundongo escalando o armário. Tomada pelo pânico, do jeito que se encontrava, saiu gritando, desesperadamente, corredor afora, em busca de algum socorro.

O COLEGA CHARLES

*O homem que não sabe dominar
os seus instintos é sempre escravo
daqueles que se propõem satisfazê-los.*

Gustave Le Bon

O colega se chama Charles, por sinal nome de lorde Inglês, e era debutante nas inspeções in loco.

Como é natural nestas horas, este estava ansioso para começar a desempenhar as funções para as quais fora aprovado no Tribunal de Contas, classificando-se num dos primeiros lugares.

Não via a hora, portanto, de realmente colocar “a mão na graxa” propriamente dita, e o seu batismo seria então esta viagem.

Esta história me fez lembrar daqueles filmes de desenho animado, pois a voz do contador que nos atendeu parecia com a do Zé Colmeia ou, sei lá, do Scooby-Doo.

O colega Charles e eu estávamos numa determinada Câmara Municipal, quando o contador, (não se sabe se por medo ou se realmente falava desse jeito mesmo) respondia a tudo o que o colega solicitava no mesmo tom:

— Estamos providenciando, Charles.

— Vamos arrumar, Charles.

— Já mandei buscar, Charles.

Enfim, chegou uma hora em que eu não podia mais olhar para a cara do tal contador, pois quase dei uma risada. Tive muita dificuldade em me controlar e segurar o riso ao máximo, para não causar um tremendo mal-estar.

O EMPENHO DA VACA

*A nossa felicidade depende mais do
que temos nas nossas cabeças do que
nos nossos bolsos.*

Arthur Schopenhauer

Considero este fato não só pitoresco, mas também que serve para uma reflexão mais aguçada. Acontece que, muitas vezes, nós agimos com certa pressa e, com isso, somos induzidos a erros.

O colega já estava quase terminando a inspeção, quando viu um empenho que não tinha sido vistoriado, e era do exercício ora auditado. Por curiosidade, resolveu dar uma olhada nele, verificando que se tratava da aquisição de uma vaca, isso mesmo, um animal.

De imediato, como bom profissional, ele já quis saber se, pelo menos, constava registrado no Inventário físico-financeiro, o que seria a ordem natural dos fatos. Constatou que não havia nenhum registro dessa natureza.

Aqui, entra o nó da questão: se o colega agisse de afogadinho, já faria constar no seu relatório esta gravíssima irregularidade; entretanto, procurou agir de forma mais sensata, ou seja, foi em busca de informação junto aos demais funcionários,

quase que como um detetive, a fim de verificar se a Prefeitura alguma vez adquiriu de verdade uma vaca.

Qual não foi a sua surpresa ao saber que aquela aquisição deu-se num momento em que a Prefeitura encontrava-se com mais de três meses de salários atrasados e o Prefeito, não suportando a situação de penúria por que passavam os seus funcionários, comprou a vaca, abateu-a e repartiu a carne com todos, doando um pedacinho para cada um, aliviando paliativamente aquela situação.

Do ponto de vista legal, foi um ato errado? Sim, foi, porém, do lado humano, este prefeito agiu corretamente e o referido colega, sentindo a coisa por este lado, também agiu da mesma forma que o prefeito, ou seja, relevou a situação.

Só para situar o leitor, este município fica na região do baixo Araguaia, um dos lugares mais carentes do estado, conhecido como “vale dos esquecidos”.

Valeu, colega! Eu também agiria da mesma forma, pois, entre o que determina as leis feitas em palácios refrigerados com bom ar condicionado e a realidade nua e crua do nosso país, eu fico com a segunda opção.

ATRAVESSANDO NUMA PINGUELA

Nenhum obstáculo será grande se a sua vontade de vencer for maior.

Estávamos lá pelas bandas de Torixoréu-MT, juntamente com a saudosa colega Joana Maciel e o nosso motorista já aposentado Seu Timóteo, “papa-banana” de quatro costados. Almoçamos em Barra do Garças-MT e subimos por entre as pirambeiras (ou serras, sei lá), quando demos de cara com uma “quase ponte” que tínhamos de atravessar, e o que é pior, não havia uma generosa alma viva para nos ajudar.

Não restou outra opção a não ser juntar umas toras de madeira que se achavam como que jogadas do lado e improvisarmos a nossa passagem.

Até aí tudo bem, porém Joana demonstrou muito medo de atravessar esta ponte (se é que se pode chamá-la assim), mesmo dentro do carro.

Percebemos também que, na lateral da ponte, existia um pedaço de pau roliço amarrado nas duas extremidades, que nós, pantaneiros, chamamos de “pinguela”.

Qual não foi a nossa surpresa ao saber que a colega estava decidida: não queria passar nem dentro do carro, como já dissemos, muito menos pela “pinguela”.

Pronto! Complicou e ficou difícil, pois desistir da inspeção não podíamos; voltar para Barra do Garças-MT e procurar outra opção muito menos.

Na hora, percebendo o medo da colega, eu sugeri:

— Vamos fazer assim: você tampa os olhos, invoca seu santo preferido, e seja o que Deus quiser, pois não temos outra opção.

Como que por um passe de mágica, a colega fez o que recomendei e, graças ao Pai eterno, vencemos o obstáculo.

À noite, quando fazíamos um lanche num quiosquezinho já dentro da cidade, este fato foi motivo de gostosa gargalhada.

PILOTO QUE CONVERSAVA COM O PAINEL

Era mês de março, chuvoso. Estávamos no município de Nova Ubiratan-MT. Por razões alheias à nossa vontade, as estradas estavam quase que intransponíveis e não tínhamos como chegar a Feliz Natal-MT, a não ser através da locação de um avião, o famoso “teco-teco” – assim o fizemos.

Piloto contratado, lá fomos nós para mais uma viagem sobre a Amazônia mato-grossense. Entretanto, na cidade propriamente dita, não tinha campo de pouso, o que nos levou a nos deslocarmos até uma fazenda, a 10 km do centro daquele município.

Lá chegando, colocamos nossas bagagens no aviãozinho, e nos despedimos da “companheirada” da Prefeitura. Recordo-me perfeitamente do companheiro “Pipa”, contador desta Prefeitura, nos acenando como se quisesse dizer “boa viagem!”.

Como tudo estava pronto, o piloto deu a partida no motor e nada, não pegou. Outra vez, nova partida e nada; o motor não correspondia.

Foi quando olhei para a janela e percebi a poeira deixada pela camioneta que levava o pessoal que nos deixou no campo de aviação.

Naquele momento, eu, que já tinha algumas “horas de voo”, tentei argumentar com o piloto:

— Algum problema, comandante?

Olhando para o painel do avião, ele deu uma batidinha num daqueles relógios que só eles sabem para que servem e começou a travar um diálogo com a máquina, mais ou menos assim:

— Você nunca fez isso comigo... O que está acontecendo com você?

Confesso que me esqueci de tudo o que havia aprendido em matéria de ficar calmo, e falei com meus próprios botões: “Adeus, mundo cruel!”.

Naquela altura do campeonato, não se via mais nem a sombra da camioneta que nos levou, para ao menos pedirmos para descermos, no aguardo de outra solução.

Finalmente, na terceira tentativa, o motor pegou. Decolamos e, 40 minutos mais ou menos, já estávamos sobrevoando o município de Feliz Natal-MT.

Já em terra firme, pagamos e agradecemos ao comandante pela excelente viagem.

Tempos depois, mais precisamente no ano de 2006, soube-mos da trágica queda desta aeronave e, infelizmente, da morte do comandante.

Que Deus o tenha em bom lugar!

QUANDO A LUZ ACABAVA

Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.

Augusto Cury

Narrar, nos dias de hoje, este acontecimento, no mínimo, causará muitas risadas nos novos colegas que adentraram recentemente no Controle Externo. Já nos mais velhos nem tanto, pois a luz acabava mesmo nos municípios mais distantes da capital, e o que vamos contar acontecia com muita frequência; já era rotina em nossas vidas.

Tanto é verdade que, muitas vezes, quando se chegava à Prefeitura ou na Câmara Municipal, era comum ver, pendurados pelas paredes, aqueles lampiões movidos a gás, isso quando os havia, o que se pode concluir que nem sempre estavam por lá.

Chegamos num determinado município, não me recordo qual e, como era o último a inspecionar, acredito que deva ter

sido isso, não nos atentamos em verificar a presença destes instrumentos de iluminação, tão úteis e necessários, e foi o que aconteceu: avançamos na hora e, eis que de repente, se fez noite, e nada dos lampiões.

Foi quando tivemos que improvisar colocando as mesas para fora da Câmara Municipal, dando as costas para a rua. Pedimos ao nosso motorista (infelizmente, não me recordo mais o seu nome) que ligasse os faróis da nossa viatura, os quais, refletindo na parede, funcionaram precariamente como iluminação.

E assim, com muita dificuldade, terminamos os nossos trabalhos.

VENTILADOR OU AR-CONDICIONADO?

Nem sempre sabemos o caminho certo a escolher, mas, se ficarmos na indecisão, não chegaremos a lugar algum.

Joakim Antonio

Depois de um dia estafante de viagem e trabalho, os colegas foram até o hotel para conseguir um quarto a fim de descansar, quando a recepcionista perguntou:

— Com ventilador ou ar condicionado?

É evidente que, considerando o forte calor que faz nesta terra, o mais sensato nessa hora é pedir com ar condicionado.

Pedido feito, imediatamente os dois foram instalados no apartamento.

Tudo corria às mil maravilhas, até que, às 22:00 h, acabou a luz na cidade e, conseqüentemente, o ar condicionado também parou de funcionar. A noite não foi das melhores, sem falar nos mosquitos que, como por encanto, apareceram de todos os lugares.

O problema maior foi no outro dia, na hora de acertar a conta.

Tinha um colega que entendia que não devia pagar mais

caro, pois não usufruiu do conforto oferecido.

Depois de algum tempo de argumentação, esse impasse foi resolvido.

A gerência do hotel concedeu-lhes, afinal, um bom desconto e, assim, se puseram novamente a caminho de outro município, para mais uma inspeção.

UM CACHORRO NO MEIO DA PONTE

Toda a gente é capaz de sentir os sofrimentos de um amigo. Ver com agrado os seus êxitos exige uma natureza muito delicada.”

Oscar Wilde

A equipe (composta por um auditor e uma auditora), cuja colega fazia a sua primeira viagem, seu batismo de fogo, seguia viagem num veículo antigo do tipo “C-10” (já bastante gasto pelo tempo), numa estrada poeirenta e deserta, que ligava o município de Luciara-MT a Santa Terezinha-MT, lá no baixo Araguaia.

Junto com a equipe, encontrava-se o contador responsável pelos municípios, o qual iria acompanhá-los na inspeção, pois a presença deste profissional é imprescindível nessas ocasiões.

No começo da viagem, o motorista sugeriu que a colega se sentasse ao seu lado, o que, de imediato, o colega não aceitou, indo ele ao lado do motorista, a colega no meio e o contador na porta.

Tudo transcorria normalmente até que, quilômetros adiante, depararam-se com uma ponte em construção, onde só havia dois pranchões de madeira e um grande buraco no meio.

A dúvida era: quem deveria atravessar primeiro aquela “pinguela”?

O contador, que era nascido e criado na região, portanto acostumado com esses imprevistos, foi o primeiro a atravessar, seguido pelo colega, ficando a colega por último.

Esta foi bem até o meio do pranchão. Daí para a frente, tomada por um forte medo, não conseguiu mais dar nenhum passo, ficando parada como uma estátua, vindo assim a acontecer o pior.

Para complicar o fato, apareceu um cachorro caminhando diretamente na sua direção e, não conseguindo se desviar dela, caiu no rio e foi nadando até a outra margem, ocasionando um susto na colega, que permaneceu lá, impávida, sem saber se avançava ou se retornava de ré.

Foi quando o contador teve a ideia de retornar ao pontilhão, de costas, puxando com muita dificuldade esta colega até a outra margem.

No fim, tudo terminou em risos e estava feito, portanto, o batismo da colega que, acredito eu, nunca mais se esquecerá deste episódio.

“VER O PESO”

O homem sábio rejeita a imprudência, cumpre suas obrigações e não desrespeita seus limites.

Estavam dois colegas em viagem no município de Alto Boa Vista-MT (baixo Araguaia) e, como tinham que fazer outro deslocamento, resolveram locar um “teco-teco”.

Só que eles não contavam que o prefeito e o contador também seguiriam o mesmo destino. Como todos sabem, esses “aviõezinhos” têm capacidade de, no máximo, quatro pessoas: o piloto e um passageiro na frente e dois assentados atrás.

Quando chegaram no “campo de avião”, depararam com uma cena inusitada: o piloto estava de pé em cima de uma das asas da aeronave, com uma calculadora na mão, perguntando o peso de cada um dos passageiros.

Após a “pesagem” simbólica, afirmou em voz alta:

— Acho que vai dar.

Mas um dos colegas retrucou:

— Acha? O senhor acha ou tem certeza?

E este colega, acometido por um grande medo, tomou uma decisão radical: não embarcaria por nada deste mundo.

Após uma profunda argumentação por parte de todos,

ele acabou embarcando na aeronave que, depois de percorrer mais da metade da pista, num esforço fenomenal, conseguiu se elevar do solo, e foram os 45 minutos mais longos da vida deste colega.

Durante todo o voo, sentiu-se no interior da aeronave um forte odor de óleo queimado. O piloto solicitou que não ficassem nervosos, pois aquele cheiro devia ser apenas um pouco de óleo caindo no motor, que estava muito quente.

Mais uma vez, graças a Deus, não houve mesmo nada de errado e a viagem terminou feliz.

TEM GADO NA PISTA

*Não há nada no mundo que esteja
melhor repartido do que a razão: toda
a gente está convencida de que a tem
de sobra.*

René Descartes

Estávamos junto ao colega José Antonio a caminho do distante município de Porto Alegre do Norte-MT, quando, sem outra opção, tivemos que locar um avião tipo “teco-teco” para fazermos esse percurso.

Piloto contratado, hora de voo combinada, lá fomos nós.

Tudo corria normal, até sobrevoarmos o campo de pouso do nosso destino.

Ao avistarmos a pista, reparamos que havia muitas cabeças de gado pastando calmamente nela.

Considerando que a presença destes animais poderia acarretar algum problema, logo perguntei ao piloto:

— Não seria melhor voltarmos e descermos em Canabrava do Norte-MT?

O comandante respondeu:

— Fique calmo, eu vou dar uma rasante e logo vai aparecer alguém para retirá-los do local.

Rasante feita e não apareceu ninguém.

Permanecia todo o gado no mesmo lugar, quando, de repente, o piloto aprumou na cabeceira da pista e começou a preparação do pouso, assim mesmo.

Eu estava sentado no banco de trás da aeronave e tive a sensação de que o gado, cada vez mais, se aproximava de nós.

Como por um encanto, coisa que ninguém consegue explicar, quando já estávamos bem próximos de atingir um dos que pastavam calmamente, ele conseguiu parar a aeronave. Virando-se para mim, disse:

— Não falei pra você que ia dar? Estou acostumado a parar este avião na ponta de um alfinete.

E mais uma vez, com a graça de Deus, tudo deu certo.

SALSICHÃO VERMELHO

Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém.

Certa vez, ao lado do companheiro Camarão, estávamos tão entretidos no serviço que não vimos a hora passar e, quando percebemos, já eram mais de 22:00 h. No município onde estávamos, não tinha mais nenhum lugar aberto para jantarmos. Só nos restou um armazém, que oferecia, entre outras coisas próprias desse gênero, uma pequena opção de comida.

Foi quando o colega, com ar de quem não estava muito satisfeito, comentou:

— Não sei dormir sem comer alguma coisa que contenha sal.

E, percebendo melhor a comida ali oferecida, verifiquei umas salsichas bem vermelhas, que o meu companheiro mandou ver.

Já eu, um pouco precavido e conhecendo bem meu organismo, pensei: “Não vou encarar essas “vermelhonas”. Preferi um pacote de bolachinha de água e sal, regada com um refrigerante.

E assim aprendemos mais uma lição: antes de tudo, é melhor verificar onde comer à noite, senão você sobra.

CAITITU NO MEIO DO CAMINHO

*Uma imprudência que vinga
compromete a inteligência da
coragem.*

Robert Mallet

Este episódio ocorreu lá pelas bandas do baixo Araguaia. Uma colega, ao desenvolver seu trabalho, dirigiu-se a outro município acompanhada pelo contador, que era uma espécie de “curinga”, ou seja, aquele cara que joga em todas as pontas.

Seguíam numa camionete que não era nenhuma Toyota (ar condicionado, então, nem pensar!), quando, de repente, foram surpreendidos por um bando de caititus, que atravessaram a estrada. Havia, entre eles, uma fêmea e seus filhotes; até aí tudo bem, coisa da nossa mãe natureza.

Ao ver tamanha beleza, um dos passageiros cismou de pegar alguns daqueles filhotes, para criar em sua casa.

Nesse momento, a colega, que a tudo assistia, resolveu descer do carro para apreciar melhor a cena, deixando cair uma bolsa que trazia em sua mão.

Foi quando a mãe caititu partiu pra cima dela, achando que esta seria a causadora do seu sofrimento. O que uma fêmea pode fazer por sua cria, todos nós conhecemos muito bem.

Felizmente, para a alegria de todos, o nosso contador, que nasceu e se criou naquela região, intercedeu junto à mãe caititu e, com o auxílio de uma vara, conseguiu afastá-la para bem longe dali.

Assim, a nossa colega nada sofreu, graças a Deus, levando apenas um susto. Com certeza, contará este caso aos seus netos: que um dia quase foi ferida por um caititu.

A HISTÓRIA DO PALITO DE DENTE

*Preste muita atenção no que fala...
Mal-entendidos podem ser mal-entendidos
por terem sido mal explicados!*

Amanda Andrich

Duas colegas recém-chegadas no Tribunal de Contas foram indicadas para fazerem uma inspeção no médio norte mato-grossense, mais precisamente na cidade de Tangará da Serra-MT, por sinal umas das mais lindas e bem desenvolvidas do nosso estado, o que é uma glória para nós, auditores, quando somos designados para atuarmos em cidades desse porte.

Na hora do almoço, lá se vão as nossas “novatas” colegas para o restaurante, a fim de saborearem um daqueles churrascos, os quais já apreciei muito em minhas andanças.

Após o almoço degustado, uma delas solicitou ao vizinho de mesa que lhe passasse o paliteiro.

No entanto, não foi bem compreendida por ele, que resolveu tirar o próprio palito da boca e ofertá-lo à colega.

Isso gerou um certo constrangimento e ela teve que pedir, com um tom de voz mais agressivo, que queria, na verdade, o paliteiro e não o palito usado que ele tinha nas mãos.

Resolvido o mal-entendido, finalmente a colega pôde usufruir desse instrumento tão usado, principalmente após um churrasco.

DIFICULDADE PARA SE TOMAR BANHO

Nada é mais útil aos homens que uma prudente desconfiança.

Este fato deu-se num município lá pelas bandas de Cáceres-MT, local bastante acanhado por sinal, em que, na hora do banho, se fazia uma fila enorme, onde se viam mulheres, crianças, etc., cada qual com sua toalha e seu sabonete em mãos. Até aí tudo bem, pois já havia vivenciado outras situações semelhantes.

Mas algo me chamou muito a atenção, pois havia um banquinho escondido atrás da porta do banheiro, porém não desconfiei de nada.

De imediato, não entendi qual a razão da sua existência naquele local, e o que é pior, não deveríamos nos demorar muito no banho, principalmente quando chegava o ônibus de linha, que parava nessa pensão, para os passageiros ali fazerem suas refeições e demais necessidades.

Somente quando adentrei no tal do banheiro foi que percebi: aquele banquinho era para subirmos nele, uma vez que a água do banho acumulava-se no ralo entupido, formando uma imensa poça, o que certamente era o caminho mais rápido para adquirirmos alguma micose.

Perguntando ao colega de equipe como ele havia tomado o seu banho naquele dia, ele me informou que tinha dado uma de Kung-fu, ficando com cada perna numa das extremidades das paredes.

Eu queria ver esse colega realizar essa proeza nos dias de hoje; com quase 115 kg bem pesados de massa corpórea, se seria capaz de voltar lá e fazer tudo de novo.

Acredito que não, pois, apesar do peso, a idade também não permite mais...

INAUGURAÇÃO DA LANCHONETE

*Às vezes, ofendemos mais com o
nosso silêncio do que com a nossa
impertinência.*

William Hazlitt

Estávamos numa missão bastante espinhosa, onde teríamos que atuar com cuidado redobrado, na mais perfeita descrição, uma vez que o caso envolvia uma denúncia muito grave.

E assim fomos, eu e uma colega de primeira viagem, no início um pouco temerosa, mas que, com o passar do tempo, foi-se encorajando.

Sáimos de Cuiabá-MT ainda de madrugada, com destino a Brasília-DF, de onde pegaríamos o “barrigudinho” com destino ao município que ficava quase na divisa com o estado do Tocantins.

Lá chegando, fomos muito bem recebidos, e logo começamos o nosso trabalho.

Os dias foram passando e, numa noite, encontrávamo-nos numa lanchonete para o nosso tradicional lanche antes de dormir, porém não sabíamos que sua inauguração seria naquela noite.

O que nos chamou a atenção foram as pessoas presentes,

em belos trajes de festa, e nós na maior simplicidade.

Como tinha música ao vivo, o proprietário, numa forma de agradecer ao público, anunciava ao microfone os nomes das autoridades ali presentes, tipo assim:

— Senhor Fulano de Tal, gerente do Banco do Brasil, nosso muito obrigado pela presença.

Até que, certa hora, um deles se aproximou de nós e tentou saber alguma coisa a nosso respeito:

— Vocês são de onde? Estão a passeio ou a trabalho?

Enfim, estavam curiosos em saber algo sobre nós.

Como não queríamos revelar nada a nosso respeito, ficamos calados como estátuas, até que desistiram e não perguntaram mais nada.

No fundo, a verdade era que eles queriam apenas ser generosos conosco e agradecer a nossa presença, mas, como estávamos numa missão árdua, permanecemos em silêncio sepulcral.

Acreditamos que, até hoje, ninguém ficou sabendo quem éramos e o que fazíamos naquele local.

MEDO NO HOTEL

*Através da linguagem, muitas vezes,
se dá origem aos mal-entendidos, mas
é através dela também que podemos
superá-los.*

Célio Montagna

Acabávamos de chegar num hotel e ainda estávamos preenchendo a ficha de hóspedes, quando fomos surpreendidos por um camarada com cara de “poucos amigos”, que perguntou ao atendente da recepção:

— Quem são esses “caras”?

O moço respondeu:

— São funcionários do Tribunal de Contas.

— Então tá bom! — respondeu o sujeito mal-encarado.

Confesso que senti um pouco de medo, pois tudo indicava que aquela pessoa estava armada, e provavelmente “plantada” no hall do hotel a fim de perceber quem chegava para ali se hospedar.

Felizmente, tudo não passou de um mal-entendido.

Terminamos nossa missão nesse município, e logo já estávamos com o pé na estrada.

CAMPAINHA DO RECREIO

A curiosidade é o acalento da alma.

Erlan Ribeiro

As colegas estavam desenvolvendo seus trabalhos normalmente em uma escola, quando foram fazer o que chamamos de Verificar Determinado Patrimônio.

Pergunta daqui, pergunta dali, onde está isso, aquilo outro, e assim foi até que, num determinado momento, uma delas, não sabemos se por muita curiosidade, resolveu puxar um cordãozinho que estava à vista.

Eis que, antecipadamente, disparou a campainha sonora da escola, anunciando o recreio daquela gurizada, totalmente fora de hora.

E todo mundo ficou sem entender nada.

Como não tinha mais o que ser feito diante do acontecido, seguiu o recreio com alguma hora a mais, e a criançada deve ter adorado.

NAS ASAS DA TAM

*A curiosidade é uma virtude de
pessoas inteligentes.*

Marinaldo G. de Albuquerque Junior
(*Nadinho*)

Seguíamos de Cuiabá-MT até Barra do Garças-MT, num Fokker-100 da empresa aérea TAM.

O voo transcorria às mil maravilhas, com serviços de bordo, dentre eles um lanche quente (ainda havia essas coisas na época), vista panorâmica, etc.

De repente, o colega que se encontrava ao meu lado resolveu apertar um daqueles inúmeros botões que se encontram sobre a nossa cabeça.

Imediatamente, a comissária de bordo, muito educada e com aquele ar de elegância, perguntou:

— O senhor deseja alguma coisa?

O colega respondeu:

— Não, eu só estava testando.

Não fui capaz de resistir àquela situação, dei uma sonora e boa gargalhada.

Esse companheiro teve que pagar o presente mico por um bom tempo.

A PISTA NÃO VAI DAR

Ser competente é acertar um alvo que ninguém acertou; ser administrador é acertar um alvo que ninguém viu.

Erlandson F. A. Andrade

Neste mesmo voo, seguia conosco o colega Mineirinho, já aposentado por um bom tempo, e que não tirava os olhos da janela do avião.

Aquilo me causou certa apreensão, pois perguntava com os meus botões: “Por que será que ele não olha para outro lugar?”.

Parece que nem quis comer o lanche servido.

Pois bem, tal preocupação tinha motivo.

Quando a aeronave já se preparava para o pouso, do ângulo que ele observava, via-se apenas um pedaço pequeno da pista, onde a aeronave costumava fazer o seu “taxiamento”, conforme o ditado popular.

Não deu outra, o nosso colega começou a ficar apurado e falava:

— Não vai dar... Não vai dar... Não vai dar... A pista é muito pequena!

Felizmente, para sua surpresa, a descida foi suave como uma garça no nosso Pantanal, e o colega ficou muito aliviado.

COMIDA A BORDO

*Nossas dúvidas são traidoras, e nos fazem
perder o bem que sempre poderíamos
ganhar, por medo de tentar.*

William Shakespeare

Num encontro específico de vereadores realizado no Nordeste, foram diversos deles daqui do nosso estado.

Naquele tempo, era comum servir um bom almoço e jantar nos aviões das companhias Vasp, Cruzeiro e Transbrasil.

Como o horário de saída de Cuiabá-MT foi à meia-noite, o famoso “corujão”, o serviço de bordo era uma delícia, diferente dos dias de hoje, quando temos que nos contentar apenas com balinhas de leite e barrinhas de cereais.

Logo que chegaram ao destino, um dos vereadores comentou com os outros que estava morto de fome, pois não havia comido nada desde a madrugada.

Um dos colegas então perguntou-lhe:

— Você não comeu nada no avião? Por quê?

— Eu fiquei com medo de a aeromoça não aceitar cheque do Bemat — ele respondeu.

PROJETO: MÁQUINA DATILOGRÁFICA OU LIVRO

*A atenção é a mais importante
de todas as faculdades para o
desenvolvimento da
inteligência humana.*

Charles Darwin

Existia um município cujas ruas eram um buraco só. Ele ficou conhecido como “cidade de primeira”, pois os carros não passavam da primeira marcha. Diziam ter tanto buraco que parecia mesmo com o nosso satélite natural, a lua.

Contam que, certa vez, um vereador presente numa sessão supermovimentada na Câmara Municipal propôs um projeto de pavimentação asfáltica nas respectivas ruas.

Foi quando um deles falou:

— Fazer como? Nós não temos as máquinas.

O outro vereador, que era muito metido a inteligente, respondeu:

— Não tem problema; se não tem máquina, faz à mão mesmo, no livro.

SENTADO NO TRONO

O mundo é feito para aqueles que arriscam. Prefiro a tristeza da derrota que a vergonha de não ter tentado.

Vinicius Oliveira da Silva

A princípio, relutei em publicar esta história; entretanto, depois que pensei muito e como sou o próprio protagonista, resolvi incluí-la no rol destas pérolas.

O fato sucedeu-se no município de Barão de Melgaço-MT, onde nos instalamos no gabinete do prefeito, que gentilmente nos cedeu o melhor lugar da Prefeitura.

Tudo corria normalmente até que, num determinado momento, me deu vontade de ir ao banheiro.

Levantei e dirigi-me ao mesmo e, uma vez lá instalado, fiz tudo que um simples mortal faz em vida.

Após a conclusão das necessidades, fui dar a famosa descarga, para que ficasse tudo em ordem, porém, para minha surpresa, ela não funcionou; parecia que estava estragada.

Aquilo foi me dando uma agonia; procuro daqui, procuro dali, e nada!

Verifiquei se o registro estava fechado, e nada de água. Uma vez que esta Prefeitura fica a menos de 100 m do rio

Cuiabá, falei comigo mesmo: “Não é possível não ter água neste local!”.

Resolvi encarar o problema de frente, meio que sem graça. Assim que abri a porta, comuniquei o fato ao contador que, imediatamente, incumbiu uma pessoa da limpeza de resolver a situação.

Veio o primeiro balde, o segundo, o terceiro, enfim, até que esta pessoa, passando pelo nosso meio disse:

— Hum... Hum... Parece que quem fez este serviço comeu urubu picadinho ontem à noite, e com vontade!

Confesso que não sei onde enfiei a cara na hora, mas deixa pra lá, tive que escutar muitos comentários a respeito.

PEGOU ESPÍRITO

*Quem quer vencer um obstáculo,
deve armar-se da força do leão e da
prudência da serpente.*

Antoine de Saint-Exupéry

Dois colegas da nova safra de auditores, um deles de religião evangélica, estavam realizando uma determinada inspeção.

Com o trabalho já concluído, preparavam-se para retornar à sede, quando lhes foi perguntado se podiam dar uma carona para um funcionário daquela Prefeitura, que precisava retornar a Cuiabá-MT, o que prontamente foi atendido. Afinal, tinha vaga na viatura e não custava nada fazer esse favor.

A viagem transcorria normalmente, os colegas no banco da frente e o caronista no de trás.

Entretanto, ninguém sabia que este rapaz era desses que “pegava espírito”.

E não deu outra.

Numa certa altura do percurso, o camarada começou a falar no idioma nagô, e abraçou justamente o colega evangélico que, naquele momento, estava na direção do veículo.

Dizem que foi uma situação de muito pânico e nervosismo, pois os colegas não sabiam como lidar com esse tipo de situação.

Felizmente, não aconteceu nada de grave, pois a entidade saiu do corpo do jovem e a viagem pôde seguir sem nenhum problema.

LAVANDO O CARRO NAS ÁGUAS DO ARAGUAIA

A confiança é a mãe do descuido.

Baltasar Gracián y Morales

Dois colegas e mais um motorista estavam em inspeção lá pelas bandas do Araguaia.

Tinham chegado ao município de Luciara-MT, exatamente num domingo.

Como a Prefeitura estava fechada e o contador dando uma pescada, então resolveram que o melhor programa para passar o tempo seria lavar o carro, distraíndo-se um pouco, até esperar a segunda-feira para começarem os serviços.

Com o projeto aprovado, lá se foram os colegas para a bela praia do rio Araguaia lavar a viatura e matar o tempo, como diz o caipira.

Assim que terminaram de lavá-la, aproveitaram para dar um mergulho, afinal ninguém é de ferro, e nisso meio que se afastaram do local onde estava estacionado o carro.

Quando resolveram voltar, ele já se encontrava com as rodas traseiras afundadas na areia.

Os colegas entraram em desespero ao tentar tirar o veícu-

lo dali, a qualquer preço.

Empurraram daqui... Empurraram dali e nada de sair da “areia movediça”.

Felizmente, avistaram um trator que se encontrava por perto, o qual lhes proporcionou ajuda e, com uma corda resistente, a viatura foi puxada para a terra firme.

E assim, após o susto, ficou a lição que lugar de lavar carro é no lava-jato, e não em beira de rio.

RONCANDO A NOITE TODA

Nosso verdadeiro amigo é aquele que não nos desculpa nada e nos perdoa tudo.

Condessa Diane

Estávamos hospedados num daqueles hotéis onde os quartos ficavam um atrás do outro, em forma de ferradura.

Eu fiquei no primeiro, o contador no segundo e a minha colega num dos últimos do corredor.

No café da manhã perguntei a ela:

— E aí, dormiu bem?

Ela me respondeu com uma cara um pouco feia:

— Não consegui dormir a noite inteira.

Então perguntei-lhe:

— Passou mal? Por que não me chamou, foi a comida que não lhe fez bem?

Ela respondeu, com todas as letras:

— NÃO DORMI COM O SEU RONCO! Parecia um leão...

Confesso que fiquei assustado, pois se ela, que estava num dos últimos quartos, escutou, como ficaram os ouvidos dos que dormiram nos quartos próximos ao meu?

Não me restou alternativa a não ser pedir desculpas, e seguir em frente.

Fazer o quê!

CURIOSO

Já me enganei várias vezes com os pensamentos em minha mente, mas o pior dos meus enganos foi pensar que você fosse diferente.

Fernando Eing Gonçalves

Diz o dito popular que a curiosidade matou o gato. Isso a gente ouve desde criancinha, o que, de certa forma, tem alguma verdade.

Estávamos lá pelas bandas do Araguaia, cujo deslocamento quase sempre é feito de barco ou de aeronave, sendo que, nesta aventura propriamente dita, optamos pelo “teco-teco”.

A viagem estava programada para mais ou menos 40 minutos de duração, e lá fomos nós apreciando aquela imensidão infinita, num silêncio total, pois o barulho que se fazia dentro do avião impossibilitava qualquer conversa.

Quando chegamos à terra firme, agradecemos e pagamos ao nosso comandante, desejando-lhe um feliz retorno à sua base.

Como de costume, estavam no campo de aviação algumas pessoas nos esperando, dentre elas, o senhor prefeito, que se fazia acompanhar de uma moça (por sinal com idade para ser sua filha) e, até aquele momento, não sabíamos de quem se tratava.

Este meu colega, muito curioso, não resistiu à tentação de perguntar:

— Você é funcionária da Prefeitura?

Ela respondeu, meio que constrangida:

— Não, eu sou a esposa do Prefeito.

Fez-se um silêncio sepulcral e eu tive que segurar, com muito custo, a vontade de rir.

Na hora, lembrei-me dos conselhos dos meus irmãos pantaneiros, que dizem: “Em terra de estranho, não se faz pergunta”.

SUCO DE LARANJA

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.

Cora Coralina

Temos um colega que não bebe bebida alcoólica de jeito nenhum, porém é fissurado em suco, principalmente de laranja.

Até aí tudo bem, é um direito que ele tem.

Numa viagem que efetuamos juntos, presenciei dois fatos que merecem ser aqui narrados.

O primeiro foi em Diamantino-MT, quando o mesmo solicitou ao garçom que providenciasse um bom suco dessa fruta. O garçom então lhe perguntou:

— Na jarra ou no copo?

O colega prontamente respondeu:

— Jarra!

Só que ele não sabia qual era o tamanho da jarra.

Foi quando o garçom lhe trouxe uma dessas jarras de tupperware até a tampa, contendo dois litros e meio, mais ou menos, do líquido solicitado.

Foi gargalhada geral, e assim tivemos que ajudá-lo a tomar.

Outro fato semelhante ocorreu em São Félix do Araguaia-MT, quando o mesmo colega disse para o garçom:

— Traga uma jarra de suco de laranja.

Foi quando o solícito garçom lhe trouxe o suco no próprio copo do liquidificador e, mais uma vez, houve muitos risos, pois tive que ajudá-lo a beber.

PASTEL NO CAFÉ DA MANHÃ

Se a gula é um pecado, o inferno deve ser ótimo pra fazer churrasco.

O Estradeiro

Estávamos pelo nortão de Mato Grosso, e por sinal a nossa pensão era bastante acanhada, não oferecia café da manhã, o qual deveria ser feito numa única lanchonete existente na cidade.

Quando chegamos ao primeiro dia na referida lanchonete, fomos logo informados que a única coisa que tinham para nos oferecer no nosso desjejum era pastel frito, uma vez que o forno que assava os pães franceses estava com defeito.

Após terem perguntado quantos pastéis gostaríamos que fritassem para nós, eu pensei, calculei o tamanho do pastel que a gente é acostumado a ver e falei:

— Frita uns seis: três para mim e três para o meu colega.

Nesse momento, o atendente nos olhou com um olhar de curiosidade, tipo assim: “Será que esses dois aguentam comer tudo isso?”

E nós, alheios a tudo, ficamos esperando, para tomarmos com o café.

Assim que o rapaz nos trouxe a nossa encomenda, foi só risada, pois cada um deles tinha uns 20 centímetros, o que seria impossível de consumir tudo de uma vez.

Só aí entendi aquele olhar de curiosidade lançado sobre nós.

Comemos somente o que aguentamos e tudo terminou em sonora gargalhada.

XIXIZINHO BÁSICO

A paciência é a melhor opção para obtermos tranquilidade, quando nos falta senso para discernir o que é certo a fazer!

Luciano Versiani de Souza

O nosso voo era num avião pequeno, desprovido de banheiro, saindo do município de São Félix do Araguaia-MT, onde terminamos mais uma missão.

Um colega da equipe, desde o embarque, começou a beber água e refrigerante sem parar, o que nos deixou preocupados, pois não precisa entender de Medicina pra saber que, se você encher a sua bexiga, tem que esvaziá-la. E a viagem ia ser longa; por baixo, duas horas e meia, sem escala, até Cuiabá-MT.

Não deu outra.

Quando estávamos sobrevoando Chapada dos Guimarães-MT, ainda faltando 30 minutos para chegarmos, este colega queria que o avião descesse lá para dar uma “esvaziada”, pois já se encontrava bastante apertado.

Foi quando o piloto nos informou que, por ordem do DAC (Departamento de Aviação Civil), não poderia fazer este procedimento a não ser por extrema necessidade, o que não era o caso.

Então sugerimos ao colega que fizesse o seu “desaperto” ali mesmo, em uma das garrafas que já estavam vazias.

Aconteceu que, naquele momento, já quase em procedimento de pouso, a aeronave balançava um bocado, ou seja, não tinha como o colega se manter em equilíbrio e realizar seu intento. Então, dissemos:

— Aguenta um pouco, companheiro, que já estamos quase em solo.

E assim, num esforço tremendo, o colega segurou-se até que a aeronave parasse completamente.

Tão logo a porta se abriu, ele saiu correndo desesperadamente à procura de um banheiro e voltou depois, aliviado, para buscar sua bagagem, com toda a calma do mundo.

O DEFUNTO

Fazemos muitos planos e poucos acontecem, por isso tenhamos sempre em mente a prática do imprevisto.

Os colegas já estavam no final da inspeção e se preparando para seguir viagem para outra Prefeitura.

Nesse momento, foram informados de um grave acidente ocorrido no município, com vítima fatal, e o IML (Instituto Médico Legal) mais próximo ficava na cidade de Alta Floresta-MT, onde seria a próxima parada da equipe. Entretanto, a única viatura existente naquele momento disponível e que daria para transportar o morto era o carro que os conduziria.

Diante desta notícia, o colega mais novo, praticamente debutando nessa inspeção, bateu o pé e afirmou:

— Viajar junto com morto? NUNCA! Já pensou se esse carro quebra na estrada? Não vai dar certo...

Felizmente, o problema foi contornado. A equipe seguiu numa viatura e o falecido em outra, para alegria desse companheiro, que já estava ficando nervoso com a situação.

FESTA DE SÃO JOÃO

*Eu aprendi que não importa quanta
seriedade a vida exija de você, cada
um de nós precisa de um amigo
brincalhão para se divertir junto.*

William Shakespeare

Temos um colega muito alegre, extrovertido, aquele cara que está sempre de bem com a vida, parece que acabou de ler um daqueles livros de autoestima; enfim, alegria é com ele mesmo.

Estávamos em Diamantino-MT quando, à noite, fomos participar de uma festa de São João que estava acontecendo na praça central da cidade.

Lá estava o nosso amigo esbanjando alegria com o pessoal da Prefeitura. Aí, eu tive uma ideia: Será que esse companheiro não fica nunca zangado? Como será que ele reage quando se zanga?

Pensando nisso, chamei um garoto daqueles com cara de que ninguém consegue alcançá-lo numa brincadeira de “pegador”, e disse:

— Você está vendo aquele rapaz ali? Faça o seguinte: pegue um traque, acenda e coloque no bolso da sua camisa, e

corra com toda a força, que eu te dou R\$ 20,00 (vinte reais).

Não deu outra. O garoto chegou com toda a calma do mundo, jogou o traque no bolso do nosso amigo e correu.

Aquele companheiro tão calmo de outrora se transformou num monstro e tentou, de todo jeito, pegar o moleque, mas claro que não conseguiu e voltou para a roda das amizades que havia feito ali.

Desconfiando que tivesse sido eu o autor dessa façanha, o que fez o nosso amigo?

Chamou uma das mocinhas com aqueles “correios elegantes” e, sem que eu me apercebesse, escreveu num papel o seguinte recado:

— Quero me encontrar com você atrás da igreja — e assinou com um nome de mulher.

Quando a moça me entregou o bilhete, eu notei que as letras estavam todas caídas para o lado da direita, e o meu companheiro é canhoto. Então, falei comigo mesmo: “É ele, tentando se vingar, pensando que eu irei lá para ele cair na risada”.

Não caí nesse conto, e ele ficou um bom tempo como quem não queria nada, só observando se eu iria para o encontro, o que de fato não aconteceu.

Mais tarde, já no hotel e com tudo serenado, este episódio foi motivo de muita gargalhada.

DOIS GATOS

*Quem possui a faculdade de ver a
beleza, não envelhece nunca.*

Franz Kafka

Estávamos seguindo viagem para o baixo Araguaia, porém, primeiramente, tínhamos de fazer escala em Brasília-DF e depois pegaríamos o famoso “barrigudinho”, conhecido como Gran Caravan, parando nos municípios de Minassu e Gurupi, já no estado do Tocantins e chegando, finalmente, no nosso destino, que era Porto Alegre do Norte-MT.

Uma vez já em terra, seguimos num táxi em direção à Prefeitura, onde mais uma missão nos aguardava.

Já estávamos devidamente instalados, quando se aproximou de nós uma moça, que perguntou:

— Vocês que são do Tribunal de Contas?

— Sim — respondemos. — Por quê?

— É que nos informaram que, desta vez, viriam para cá dois “gatões”.

Aí eu respondi:

— Sim, realmente vieram dois gatos, porém velhos e bastante rodados.

Nessa hora o meu companheiro, que também já estava com o “telhado” embranquecido e com pouco cabelo, acabou concordando. Pelo olhar da moça, creio que ela sofreu uma grande decepção com a nossa chegada.

GARANHÃO

Se não existem soluções para grandes problemas, o ideal é adaptar-se e preparar-se para conviver com eles.

Tem cada coisa que enfrentamos no nosso dia a dia, que muitas vezes não sabemos como lidar...

Este caso deu-se num município onde a equipe mal chegara à cidade e foi abordada por uma pessoa que se identificou como vereador e foi logo perguntando:

— Vocês são do Tribunal de Contas? Pois muito bem, tenho uma denúncia pesada para fazer. O atual prefeito anda fazendo umas coisas que não considero como corretas, pois, além de roubar muito, anda “papando” toda a mulherada. Não tem pra ninguém, o bicho é feroz! É o maior garanhão do pedaço, não sobra nada para nós!...

Não deu outra, foi risada geral. Também, nesse caso, fazer o quê?

Só rindo mesmo.

DELEGADO

*Uma mentira pode correr seis vezes
pelo mundo antes que a verdade tenha
tempo de vestir as calças.*

Mark Twain

Temos um colega que tem o apelido sugestivo de “Delegado”, mas, de delegado mesmo o companheiro não tem nada. É que ele se intitula o bom da “boca”, “o delas”, como se diz na gíria.

Pois bem, numa determinada inspeção, os serviços se desenrolavam na maior calma, o que não é natural, pois, quando chega a inspeção do Tribunal de Contas, normalmente a coisa fica bastante agitada.

Até que, num determinado momento, um membro da equipe resolveu chamá-lo por esse apelido, “Delegado”. Alguém, que estava “plantado” de olheiro na nossa sala, e após ouvir o sonoro nome “Delegado”, saiu correndo feito um louco, indo direto para o gabinete do prefeito.

Chegando lá, quase sem fôlego e aos gritos, disse:

— Senhor prefeito, trate de dar o fora, pois desta vez eles trouxeram até um Delegado para lhe prender.

Não deu outra: o distinto prefeito sumiu da cidade e não apareceu até o término da nossa inspeção e a equipe ir embora do município.

Somente muito tempo depois, num encontro realizado aqui em Cuiabá-MT, foi que ficamos sabendo deste episódio.

A CORRIDA DE TÁXI

*Para quem está perdido, qualquer
caminho é rumo.*

Carl H. Dufresne

Chegamos cansados, tarde da noite, num município longínquo, e, como nenhum de nós até então o conhecia, não sabíamos onde ficava o hotel.

Pegamos o primeiro táxi que estava estacionado na rodoviária e pedimos que nos conduzisse até o hotel para nossa hospedagem.

Após embarcarmos, ele somente virou uma esquina e pronto, já estávamos na porta do hotel.

E então, o que fazer?

Não teve outro jeito senão descermos da viatura, pagarmos e agradecermos.

Foi a corrida de táxi mais curta que já fizemos em toda a nossa vida.

No dia seguinte, percebemos que poderíamos, muito bem, ter feito esse percurso a pé, mas aí já era tarde, só na próxima vez.

A TURBINADA

Um olhar pode dizer o que milhões de palavras não diriam.

O presente caso deu-se em um município no nortão do estado, cuja Prefeitura tinha uma funcionária que havia recentemente “turbinado” o busto e, toda hora, meio que se debruçava na mesa para conversar com um colega, na maior normalidade.

Ela demonstrava muita dúvida contábil e explorava o nosso companheiro com perguntas, só que ele foi ficando “vesgo” com aquela situação. Parecia que tirava por completo a sua concentração, chegando a pôr os óculos bem na ponta do nariz, que era para apreciar melhor por aquele ângulo, uma vez que a blusa que ela usava exibia um decote pra lá de provocante, mostrando aquela obra-prima esculpida por algum cirurgião plástico.

Felizmente, este colega, por sinal bastante comedido, se comportou de maneira educada, não esboçando qualquer reação que pudesse ser interpretada como provocativa.

MEDO DE AVIÃO

Todos os homens têm medo. Quem não tem medo não é normal; isso nada tem a ver com a coragem.

Jean-Paul Sartre

A equipe seguia de um município para outro de “teco-teco”, levando junto o contador e seu auxiliar, um tremendo dum “armário” que, pela primeira vez, voava na vida.

O coitado do auxiliar estava com tanto medo que não queria conversar com ninguém, parecendo um bode embarcado.

O contador, querendo dar-lhe mais medo, perguntou se naquela mata tinha onça, o qual respondeu que tinha ouvido falar que havia, sim, e das grandes.

De repente, começou a chover e, nesse caso, o piloto só tem duas opções: subir e prosseguir o voo por cima das nuvens, ou desviar a rota para depois retornar na mesma coordenada.

Foi quando aumentou o nervoso deste rapaz, quase entrando em estado de pânico.

Felizmente, a viagem transcorreu bem e chegaram ao destino sem nenhum problema, entretanto ele teve que ouvir muita gozação à noite, no jantar.

TRÊS BANQUINHOS

O improviso fica dentro de um tubo de ensaio esperando sempre os ingredientes corretos, mas se errar não tem volta.

A equipe estava no campo de aviação, aguardando a chegada da aeronave que a conduziria ao próximo município, quando finalmente avistou-a pousando e notou que o motor não fora desligado, o que não é um procedimento normal.

Nisso, o piloto desceu e entrou no saguão do aeródromo, retornando posteriormente com três banquinhos de madeira na mão, o que gerou certa desconfiança.

Foram convidados a adentrar, só aí perceberam que aqueles três bancos eram para cada um deles se sentar, o que causou um mal-estar geral na equipe.

Então, um deles recusou-se a ir sentado daquele jeito, alegando ser impróprio e perigoso, sem segurança nenhuma, mas foi convencido pelos demais colegas, que alegaram ser o voo curto e que não teriam nenhum problema.

Felizmente, o voo seguiu sem nenhum incidente; somente quando a aeronave já se preparava para o pouso e o piloto costumava dar aquela rasante avisando que ia descer, um dos banquinhos deslocou-se do seu lugar, levando o colega a tomar um susto, mas não houve nada de errado, ficando somente boas gargalhadas à noite, numa mesa de bar.

SUMIÇO DO COBERTOR

Pouca coisa é necessária para transformar inteiramente uma vida: amor no coração e sorriso nos lábios.

Martin Luther King

Na equipe, tinha um colega marinho de primeira viagem. Quando é assim, a pessoa fica com tanto medo de não encontrar no hotel aquele conforto que tem em sua casa, que acaba levando muita coisa desnecessária.

Levam fronha para travesseiro, lençol e até bolachinha, como já presenciemos. Neste caso, particularmente, o colega levou um cobertor que, segundo nos revelou, era novinho em folha.

Porém, não se sabe como, o cobertor sumiu da sua mala inexplicavelmente, o que causou um desconforto tanto para a administração do hotel como também para a equipe, e mais ainda para este colega, pois como iria explicar em sua casa que o cobertor tinha desaparecido, considerando que normalmente quem arruma e desarruma as nossas malas são as nossas patroas?

Felizmente, a esposa deste colega (que tinha fama de “garranhão”) compreendeu perfeitamente o fato, o que demonstrou em uma roda de festa comemorativa, recordando-se deste episódio com boas gargalhadas.

CHEGARAM OS HOMENS

*Decidir se confia ou dá crédito a uma
pessoa é sempre uma tarefa incerta.*

Aldrich Ames

Mal entramos na Câmara Municipal e dissemos:

— Boa tarde, somos do Tribunal de Contas.

Mal tínhamos dito isso, observei um rapaz presente junto à recepção que saiu de fininho, virou num corredor e partiu correndo em direção a uma sala. Não deu outra, pensei: “Vou atrás desse camarada. O que será que está acontecendo? Será que tem alguma recepção preparada para nós?”.

Esprei que ele entrasse e fechasse a porta. Então ouvi-o dizer, meio que cantando:

— Chegaram os Homens... Chegaram os Homens...

Ficamos sem entender o que seria aquela mensagem. Pensei comigo mesmo: “O que será que é isso? Algum código que ele está falando?”.

Que nada, era só a senha avisando seus companheiros que ficassem espertos, pois a equipe do Tribunal de Contas tinha chegado naquele momento.

À noite, enquanto lanchávamos, este caso foi motivo de muita risada.

MEDO DO IBAMA

Nossas vidas são definidas por momentos. Principalmente aqueles que nos pegam de surpresa.

Bob Marley

Era o último dia de inspeção no município e optamos por pernoitar para seguirmos a viagem no outro dia, o que seria mais prudente, àquela hora.

Fomos convidados pelo pessoal de apoio da Prefeitura para um jantar na casa de um deles, e não nos fizemos de rogado.

Como entrada, foi servido queijo acompanhado de pães, tudo feito pela esposa do anfitrião, por sinal muito delicioso. Logo em seguida, uma rodada de pintado frito, acompanhado de vinagrete.

Naquele momento, pensamos que estava encerrado o jantar, mas eis que aparece o proprietário com uma baita duma paca assada em forno à lenha na padaria, para fechar com chave de ouro a noite.

Foi quando perguntamos a ele:

— Por aqui não é proibido comer carne de caça? Não tem nenhum representante do Ibama nesta região?

Para nossa surpresa, o representante oficial desse órgão também tinha sido convidado para o succulento jantar, e estava sentado ao nosso lado apreciando a iguaria tão cobiçada.

Aí, não teve jeito: mais uma vez, tudo terminou em sonoras gargalhadas.

CADÊ O CINTO?

*Aprendemos a voar como pássaros,
e a nadar como peixes, mas não
aprendemos a conviver como irmãos.*

Martin Luther King

Estávamos em Brasnorte-MT aguardando o táxi aéreo que nos levaria a Campo Novo do Parecis-MT, num voo estimado em 40 minutos.

Assim que pousou a aeronave, reparei que o piloto não desligou o seu motor.

Mal acomodamos as nossas malas e os pacotes com as nossas informações, esta levantou voo rapidamente, ou seja, eu e o saudoso companheiro “Xô Mano”, sentados no banco de trás, não tivemos tempo suficiente para abotoar os nossos cintos, e o que é pior, os cintos não serviam em mim, muito menos nele.

Sugeri que trocássemos de lado, só que, naquela altura do campeonato, o avião já se encontrava em pleno voo, completamente estabilizado, portanto não havia mais nada a fazer, a não ser rezar para que tudo saísse bem.

Felizmente, fizemos uma ótima viagem, e até hoje guardo a lembrança que um dia já voei “solto no ar”.

SOBRE AS ÁGUAS DO RIO GUAPORÉ

*O perigo desaparece quando ousamos
enfrentá-lo.*

François Chateaubriand

Este episódio tem como tema um voo entre a cidade de Comodoro-MT e Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Era mais um em nosso currículo, pois nós, auditores, estamos acostumados a viajar todo o tempo.

A imagem do piloto de avião a que estamos acostumados é daquele camarada todo uniformizado, de camisa branca, calça azul, pala na cabeça, o que não era o caso deste “piloto” que levava a nossa equipe.

Como o trecho da viagem era muito longo, teríamos que retornar até o município de Cáceres-MT, para então seguirmos a Vila Bela.

Sendo assim, foi sugerido pelo prefeito que fôssemos no seu avião particular, ao qual agradecemos a gentileza, que foi prontamente aceita.

Quando o prefeito chamou o seu piloto (que, na verdade, era o próprio filho), simplesmente nos apareceu um “piazinho”, como são chamados os meninos pelos sulistas, de calção, chinelo e sem camisa, bem à vontade.

Naquele momento, em consideração à distância que teríamos a percorrer e à presente cena assistida, decidimos que melhor seria irmos de carro mesmo, pois, para complicar ainda mais a situação, o piloto disse para seu pai que desconhecia essa rota, ou seja, nunca tinha voado até o município de Vila Bela.

Foi quando o prefeito respondeu:

— Não tem perigo! Você segue o rio Guaporé que, em 40 minutos, vai avistar a cidade. Aí, é só procurar o campo de pouso, pousar o avião e pronto!

Tudo parecia muito simples.

Tivemos que tomar uma dose de coragem para enfrentarmos tal situação.

Felizmente, tudo correu bem e o pouso foi realizado com perfeição.

Agradecemos ao nosso piloto mirim, que já estava retornando à sua base. Já a nossa equipe, novamente sem opção, teve que pedir ajuda a um senhor que passava por ali com sua charrete, para que nos levasse até o centro da cidade.

Acreditamos ser a primeira vez que uma equipe do Tribunal de Contas entrou triunfante, de charrete, para fazer inspeção em uma Prefeitura.

VISITA À ILHA

*Às vezes, o apoio e o conforto que
você precisa vêm de onde você menos
espera.*

Os colegas estavam auditando num município do nortão, quando, num domingo ensolarado, resolveram conhecer uma ilha que ficava no meio do rio Juruena. Para chegar lá, teriam que arrumar um barco.

Sendo assim, naquele instante, apareceram uns índios que, coincidentemente, estavam indo com seu barco para a aldeia e passariam pela tal ilha, e se ofereceram para atravessar os colegas, ficando combinado que o pagamento seria feito somente na volta. Após o acordo, lá se foram todos conhecer a tal famosa ilha.

Chegando lá, tomaram muito banho e aproveitaram o lindo paraíso.

No entanto, o tempo foi passando, a tarde caindo e nada de os índios aparecerem com o barco, para retornarem à cidade. Após muito tempo de espera e ansiedade, outros barcos passaram por lá, deram-lhes socorro e os colegas puderam retornar, sem nenhum problema.

Ficou só a lembrança dessa aventura, e da tarde maravilhosa nas águas do Juruena.

OLHAR INDISCRETO – I

A vida é uma cartola de mágico. Com um pouco de imaginação e muita habilidade, a gente tira dela tudo.

Érico Veríssimo

Chegamos ao município pretendido e fomos muito bem recebidos.

Logo após as apresentações de praxe, já estávamos em plena atividade, inspeção correndo normal e tudo parecia muito tranquilo.

No terceiro dia, um colega teve que se afastar por algumas horas, e eis que se fez um silêncio sepulcral na sala onde estávamos. Confesso que nunca senti um silêncio igual, do tipo que você ouve mosca voar.

Percebi então que, num determinado ponto da parede que era fechada por cedrinho, madeira usada para forro de telhado, havia um pequeno buraco. Olhando com mais atenção, reparei que havia um par de olhos nos observando.

Quando o meu colega retornou à sala, com certa cautela, comentei o fato com ele, sugerindo que não olhasse de imediato para esse lugar, pois, se assim o fizesse, certamente espantaria o nosso “espião”, que sorratamente deveria estar à espera

de algum comentário nosso ou coisa assim.

Lembrei-me dos filmes do famoso 007, James Bond, nos quais era comum esse tipo de espionagem.

Por fim, nada foi registrado de anormal, ficando somente a marca desse olhar indiscreto.

O CANTO DA MARITACA

Escritório de boêmio é o bar.

Boa noite, amor!

Estou indo trabalhar.

Renée Venâncio

O camarada era conhecido na cidade como o “rei da boemia”. Normalmente, amanhecia pelas ruas com o seu inseparável violão debaixo do braço, fazendo serenatas, cantando pelos bares, enfim, como diz aquele clássico da MPB, “em qualquer esquina eu paro, em qualquer botequim eu canto, é mais um samba que faço”.

Seu nome quase ninguém sabia, somente seu apelido estava na boca do povo: Tatá Maral.

Eis que o nosso personagem, encorajado pelos seus companheiros, resolveu se candidatar a vereador e, como tinha muitos amigos na noite, não foi difícil se eleger.

Porém, quando alguém queria falar com ele para resolver algum problema, já sabia onde encontrá-lo: bastava ir certo nos bares que ele costumava frequentar.

Como isso foi se tornando rotineiro, diziam que até os araquãs – ou maritacas, como são conhecidos esses pássaros, os quais fazem um barulho infernal no clarear do dia e no anoitecer – já tinham outra maneira de cantar:

— Cadê Tatá?
— Tá no bordel!
— Cadê Tatá?
— Tá no bordel!
— Cadê Tatá?
— Tá no bordel!

VALHA-ME DEUS!

*As pessoas que espalham amor não
têm tempo nem disposição para jogar
pedras.*

Irmã Dulce

Nossa personagem deste caso é uma senhora evangélica, responsável por um determinado setor da Prefeitura onde estávamos realizando nossa inspeção.

De cara, percebi que ela estava um pouco nervosa, afinal, quem não fica desse jeito diante de qualquer fiscalização, por mais rotineira que seja?

Percebendo seu nervosismo, procurei acalmá-la, dizendo que permanecesse tranquila, que as coisas são assim mesmo.

Nesse momento, o melhor a se fazer é ir pedindo, devagarzinho, os documentos necessários à inspeção.

Com o passar das horas, esta senhora, de tão calma que ficou, já estava discutindo a chamada “Bolsa Auxílio Reclusão”, quando dizia, em alto e bom tom, que não concordava com malandro, bandido, sem vergonha que matou e roubou, agora, ter o direito de receber ajuda no valor de R\$ 800,00 (oitocentos reais), enquanto um cidadão de bem e trabalhador, no final do mês, recebe apenas R\$ 510,00 (quinhentos e dez reais).

Nesse momento, resolvi intervir na conversa e disse-lhe:

— Dona Fátima, coloque Jesus no seu coração, a senhora, como evangélica, falando uma blasfêmia dessas? Chamando o próximo de bandido e outras coisas mais?

Imediatamente, como que tomada por uma força superior, ela falou:

— Misericórdia, Senhor, me perdoe! Como pude pronunciar estas palavras! — e bateu uma das mãos na boca, em sinal de arrependimento pelo que tinha dito.

Então, eu lhe disse:

— Calma, dona Fátima, que Jesus cuida de todos nós!

E assim o nosso diálogo terminou, em muita risada, juntamente com os demais que se encontravam na sala.

VOU BUSCAR O MEU CHAPÉU

*Não precisa correr tanto, o que é seu
às mãos lhe há de vir...*

Machado de Assis

Ouvi este “causo” de um ex-vereador da Baixada Cuiabana, o qual foi reeleito recentemente. Brincando num Carnaval na década de 1970, no salão do saudoso Clube Náutico, conhecido como o “Timoneiro da Alegria”, tinha mandado fazer uma fantasia de *cowboy*, e o que mais chamava a atenção era o seu chapéu, com diversos dizeres gravados.

Na Sexta-feira Gorda, baile tradicional de abertura do Carnaval, ele conheceu uma garota muito bonita, e brincaram a noite inteira. Ao findar o baile, ela se interessou pelo chapéu, o qual lhe foi dado como garantia que ela o devolvesse no dia seguinte, para mais uma noite, ou seja, o baile de sábado.

Ela lhe disse que era impossível, pois, no dia seguinte, estaria retornando a Corumbá-MS, sua terra natal. Nosso personagem, tomado pela surpresa, falou:

— Pois bem, então ficamos assim combinados: eu irei até lá para buscar o meu chapéu.

Evidentemente, a proposta foi tida como uma simples brincadeira.

Entretanto, o nosso personagem foi mesmo a Corumbá e, quando chegou à noite, lá estava ele no famoso clube Corumbaense e, como um detetive, começou a procurar pela sua deusa. Para sua surpresa, lá estava a bela garota, alegre e sorridente, com o seu chapéu na cabeça.

Ele me disse que foi um encontro indescritível, como nunca teve até hoje em sua vida. Após ser apresentado para toda a família dela, teve direito a cama, comida e roupa lavada nos dias em que lá permaneceu.

Infelizmente, o destino já estava traçado e, para a tristeza de ambos, na Quarta-feira de Cinzas, teve que retornar a Cuiabá-MT, nas asas da saudosa Vasp, ficando registrado até hoje, na sua memória, esse encontro inesquecível, que nunca mais se repetiu em sua vida.

VERDADE VERDADEIRA

Há duas coisas a que temos de nos habituar, sob pena de acharmos a vida insuportável: são as injúrias do tempo e as injustiças dos homens.

Sébastien-Roch Chamfort

Quando da nossa chegada em uma Prefeitura, nossos primeiros passos visam solicitar das pessoas que vão estar conosco nesses dias os documentos que iremos manipular durante a nossa permanência nessa instituição.

Neste caso especial, não sei se por questões de pressa ou algo parecido, observamos que faltavam alguns documentos relacionados com a receita, ou seja, queríamos destrinchar com mais clareza os créditos recebidos.

Chamamos então uma determinada pessoa, com um senso de humor acima da média, que abriu o jogo com toda clareza:

— Senhores, a situação aqui é semelhante àquela casa onde tem muita gente para comer e pouca comida para colocar na mesa, ou seja: “Fruteira pouca, macaco demais em cima”; não tem como fazer milagre.

Entendi perfeitamente o que ele quis nos transmitir com esta mensagem, e tivemos que concordar com o seu raciocínio lógico.

Era a mais pura verdade que até então já tinha ouvido em uma auditora. Assim, demos por encerrado nosso questionamento.

PERIGO NAS ÁGUAS DO ARAGUAIA

Diante de cada impossibilidade humana, há sempre uma possibilidade divina.

Andréa de Oliveira Vieira

O serviço já tinha terminado e a equipe se preparava para deixar Luciara-MT, com destino a São Felix do Araguaia-MT.

Como o deslocamento por terra é muito difícil nesse trecho, a opção mais viável seria de avião ou de barco (voadeira). Após terem optado pelo barco, perguntaram ao piloto:

— Quanto tempo leva entre as duas cidades?

Este lhes informou:

— Se não houver nenhum imprevisto no caminho, levaremos umas duas horas e meia, no máximo.

Tudo combinado, malas a bordo, seguiram em frente já com a noite anunciando a sua chegada.

Em um determinado trecho da travessia pelo rio, ouviu-se um barulho muito forte no lastro do barco, em decorrência de ele ter batido no casco de um enorme tracajá, quebrando a hélice do motor. Com isso, o barco foi obrigado a ficar parado no meio do rio, à deriva, numa escuridão total.

Silêncio e medo era o que mais sentiam.

O mais importante de tudo isso foi que, até hoje, os colegas não sabem explicar como aquele camarada (piloteiro), sem uma lanterna ou outra coisa que pudesse servir de iluminação, conseguiu trocar a peça danificada, utilizando apenas umas poucas chaves que trazia em sua maleta.

Só podia ser a Providência Divina, com a mais pura experiência.

Felizmente, chegaram a São Felix do Araguaia-MT sem nenhuma complicação e, depois de um merecido descanso, encararam mais uma missão.

PASSARINHO QUE ACOMPANHA MORCEGO DORME DE CABEÇA PARA BAIXO

*Aquele que nunca viu a tristeza,
nunca reconhecerá a alegria.*

Khalil Gibran

Há muito tempo, duas colegas estavam numa missão no município de Cocalinho-MT.

Num final de tarde, para aliviar um pouco o estresse que o nosso serviço impõe, convidaram o contador para acompanhá-las num *happy hour*.

Como o convite foi aceito, ele indicou o melhor bar da cidade, cuja cerveja tinha o apelido de “véu de noiva”, de tão branca que ficava. Lá chegando, logo pediram uma dessas.

O rapaz, querendo mostrar que também era chegado nas “loiras”, não se fez de rogado, permanecendo com o copo sempre cheio. No entanto, ele não sabia que essas colegas, naquele tempo, eram tidas como imbatíveis. Hoje, acredito que não estejam mais com todo esse pique.

Depois de muitas horas, após sentirem a vontade saciada, as colegas foram para o hotel descansar e, no outro dia, de manhã bem cedo, já estavam a postos para mais uma jornada de

trabalho normal.

Entretanto, disseram-me que o contador somente apareceu na Prefeitura no período da tarde, após as 15:00 h, apresentando-se numa ressaca daquelas, prometendo que nunca mais em sua vida iria acompanhá-las numa cervejada.

O TAMANHO DA COBRA

A curiosidade é o princípio do conhecimento, a dúvida da sabedoria.

A. Andrade

Estávamos no município de Cocalinho-MT, juntamente com o colega Camarão, quando, à noite, fomos saborear um lanche.

Eis que de repente surgiu um alvoroço perto da lanchonete onde nos encontrávamos. De imediato, pensei que se tratava de alguma briga ou coisa desse tipo, pois foi juntando gente de todo lugar.

Como nessas horas a prudência manda que devemos esperar a poeira baixar para depois agirmos, ficamos aguardando alguém que passasse por nós e nos contasse do que se tratava.

Foi quando ficamos sabendo que, na verdade, se tratava de uma cobra que resolveu aparecer por ali; pelo espanto das pessoas, deveria ser imensa.

O colega Camarão resolveu checar *in loco* a informação.

Após a confirmação, fui também dar uma olhada no bicho e realmente se tratava de uma enorme cascavel, motivo de tanto alvoroço.

Depois de tudo serenado, comentei com este colega que

esses bichos costumam andar de casal e, se mataram um, o outro deveria estar por perto, o que nos causou certa preocupação.

Inclusive, depois que chegamos à pensão onde estávamos hospedados, não consegui dormir enquanto não dei uma geral no quarto, com a minha inseparável lanterna que sempre levo na mala.

Mas nada foi encontrado e, se tinha outra, deveria estar bem longe dali, pois nem mesmo as pessoas que se aglomeraram conseguiram localizá-la, ficando apenas registrado na nossa memória o tamanho da cobra gigante.

RESTAURANTE FRANCÊS

*A experiência é como dirigir um carro
no escuro com os faróis para trás.
Sabemos tudo que se passou e nada
do que virá.*

Estávamos em Sorriso-MT, hospedados num hotel que existia bem na entrada da cidade, conhecido como Cabanas, por sinal um dos melhores naquela época.

O único inconveniente era que se situava um pouco longe do centro da cidade e, naquele tempo, não tínhamos um carro à nossa disposição, como agora.

Portanto, ficávamos sempre na dependência da boa vontade de alguém da Prefeitura, para nos locomover de um lado para outro.

Sendo assim, ficou combinado que, à noite, a contadora iria nos pegar para fazermos um lanche, o que aceitamos prontamente.

Para nossa surpresa, quando veio nos pegar, ela apareceu vestida num traje de gala, e nós estávamos muito simples, de bermuda, camiseta e sandália.

De imediato, percebi que alguma coisa não estava batendo, porém, com a experiência que tínhamos de viagem, pensei: “Ela vai nos deixar em uma lanchonete e depois deve ir para alguma festa que está rolando na cidade”.

Quando entramos no carro, notei que ela deu uma “geral” na nossa indumentária e algo me avisou que estava incompatível com a dela. Tomei a iniciativa de perguntar se havia alguma festa importante na cidade e ela, meio que sem graça, respondeu:

— Na verdade, gostaria de levar vocês para jantarem num restaurante francês recém- inaugurado na cidade.

Nesse momento, agradecemos a gentileza que nos havia dispensado e solicitamos que nos deixasse em alguma lanchonete mais próxima, pois voltaríamos de táxi.

Ficou assim para outra oportunidade, quem sabe um dia qualquer, conhecermos as iguarias do restaurante chique.

CAFÉ REFORÇADO

Quem quer comer a noz, tem que quebrar a casca.

Seguíamos a bordo da aeronave tipo Caravan, conhecido também como “barrigudinho” por causa do maleiro que ficava abaixo das poltronas, na companhia dos colegas Joilson (saúdosa memória) e “Delegado”, que fazia sua reestreia em inspeção *in loco*, uma vez que, por muito tempo, ficou responsável pelo setor financeiro do Tribunal de Contas.

Após algumas horas de voo, pousamos em Juína-MT, onde fomos tomar o café da manhã e ainda tínhamos um longo trecho para andarmos em estrada de chão, a bordo de uma caminhonete, até chegarmos ao nosso destino final, o município de Brasnorte-MT.

Como tínhamos que seguir viagem por mais de 100 km nesse tipo de estrada, tomei somente um café leve, considerando que nessas estradas o balanço do carro nos leva algumas vezes a ficar enjoados.

Foi quando percebemos que o nosso colega Delegado tomou um copo de café com leite e acredito que tenha gostado tanto do leite puro de fazenda que pediu outro, acompanhado de bolo e pão com manteiga.

Não deu outra: essa massa foi fermentando no seu organismo e, de repente, o colega ficou mudo, só perguntava quanto tempo ainda faltava para chegarmos ao município de trabalho.

Quando finalmente adentramos na pensão onde ficaríamos hospedados, reparamos que esse colega desceu correndo do carro, em busca de algum banheiro.

Isso nos causou certa preocupação. O pior foi que, no momento de desespero, ainda não tinham terminado a faxina no quarto que seria nosso, o que o obrigou a ficar sentado num sofá por alguns minutos, que acreditamos terem sido os mais demorados da sua vida, pois parecia um alface, de tão verde que ficou.

Até que, finalmente, foi liberado o banheiro e, após o serviço executado, o nosso colega voltou “aliviado” daquele mal-estar, ficando guardada na sua lembrança que leite quente com solavanco é uma combinação perigosa.

PINTO ALEGRE

Nossos colegas, em inspeção no município de Novo Santo Antônio-MT, situado na região do baixo Araguaia (1.063 km de Cuiabá-MT), nos trouxeram esta pérola que, depois, virou destaque na mídia internacional, pois dizem que foi publicada até na Cable News Network (CNN), um canal a cabo norte-americano de notícias.

Por ser muito interessante, resolvemos descrever o trecho publicado na internet¹, cujo resumo transcrevemos:

CIÊNCIA

Projeto “Pinto Alegre” ganha adeptos em Mato Grosso

A Câmara Municipal aprovou, em março de 2006, uma lei do Executivo que prevê a distribuição de estimulantes sexuais para homens com mais de 60 anos. Dos 68 idosos cadastrados, mais de 20 já procuraram pelos medicamentos. O problema é que os comprimidos distribuídos por mês estão acabando, os idosos pedem mais e não aceitam uma nova ideia da Prefeitura, que é entregar o medicamento para as esposas.

“Eles não querem fazer amor com as velhinhas. Então, pensamos em fazer uma regulamentação da Lei para dar os remédios para as esposas. Mas os velhinhos dizem que as esposas já “amarraram o facão” (não querem mais fazer sexo). Daí, decidi-

1 Cf. <<http://port.pravda.ru/science/21-11-2006/13954-allegrepi-0/>>.

mos fazer palestra para as velhinhas, para mostrar que o sexo é muito bom. Mas os velhinhos querem que a palestra seja somente para eles” – ressalta o prefeito do município, João de Souza Luz (PPS), 54, que afirma não tomar estimulantes sexuais.

A grande procura pelos remédios também trouxe outra preocupação com a saúde dos idosos, pois, até então, eles passavam pelo acompanhamento de um clínico geral, o único médico do município. Depois que um senhor de 91 anos tomou dois comprimidos e a ereção não acabava, o idoso pediu que chamassem o prefeito. “Mandaram me chamar. Fiquei com medo até de ele morrer”, conta.

Com isso, a Prefeitura decidiu que precisava de um cardiologista para acompanhar os adeptos do projeto “Pinto Alegre”, para que os idosos não tomem o remédio sem orientação médica. Emancipado em 1999, o município não tem farmácia; com isso, todo o medicamento para a população é comprado pela Prefeitura, que tem um gasto de R\$ 10 mil a R\$ 12 mil por mês.

O gasto com estimulantes é considerado positivo pelo prefeito: “O homem, quando perde a potencia sexual, perde o estímulo de viver. Todos estão me procurando, pedindo o remédio”, conclui.

PEIXE NA PIRACEMA

*Tudo que é rigorosamente proibido é
ligeiramente permitido.*

Roberto Campos

Voltávamos de uma longa viagem pelo baixo Araguaia, mais precisamente de São Felix do Araguaia-MT, quando, no último dia, compramos alguns quilos de pirarucu fresco, peixe considerado nobre, também conhecido como “bacalhau de água doce”, e o embalamos com todo carinho num isopor, dividido em três partes iguais.

Fomos para o aeroporto local onde uma aeronave nos aguardava e, pouco tempo depois, já não sentíamos mais o chão sob nossos pés, só apreciando a paisagem do Araguaia que logo dava lugar ao nosso cerrado.

A viagem seguia tranquila, cheia das brincadeiras que dão vazão à nossa mente, cada um se lembrando de algum caso, enfim, era o momento de extravasar o cansaço com alegria, pois mais uma missão fora cumprida em prol da nossa instituição.

Alguns minutos depois, avistamos a nossa querida cidade de Chapada dos Guimarães-MT, quando o comandante nos comunicou que, dentro de 30 minutos, estaríamos pousando

no aeroporto Internacional Marechal Rondon.

Assim que o pouso foi autorizado e já em terra firme, chegou o momento de passarmos revista em todo o nosso material, sempre atentos para não nos esquecermos de nenhuma bagagem.

Na hora, avistamos muitos policiais em intensa movimentação, naquela ala onde seria o nosso desembarque.

Confesso que sentimos um frio na espinha, pois imaginem os senhores se esses “caras” resolvem “dar uma geral” em nossos pertences? Certamente, o pirarucu seria manchete nos jornais da cidade, e na coluna policial!

Ficamos superpreocupados e imensamente nervosos, quando, de repente, soubemos que, na verdade, se tratava apenas da chegada de alguma autoridade importante, que também faria o seu desembarque nessa mesma ala.

Dessa experiência, ficou a lembrança de nunca mais trazermos peixe nesse período proibido.

CHÁ DO ZETI

*Quando somos crianças, aprendemos
a confiar nos outros. Quando
crescemos, aprendemos a desconfiar
de todos.*

Karollyna Dreyer

Ficou famoso no Brasil inteiro aquele chá tomado pelo ex-goleiro Zeti, quando a nossa seleção Canarinho estava hospedada num hotel na Bolívia para uma partida de futebol, onde ele veio a passar mal. O final dessa história todo mundo já conhece.

Nas repartições públicas, é costume servirem suco ou chá bem gelado na parte da manhã e à tarde, como uma forma de amenizar o calor que faz na nossa região.

Certa vez, uma colega, que desenvolvia seus serviços num município, quando ficou sabendo que o suco nesse dia era de maracujá, não aceitou de jeito nenhum, alegando que, se tomasse daquela bebida, iria ficar com muito sono, o qual poderia prejudicar o seu serviço.

Tempos depois, outra equipe retornou nesse mesmo município e, desta vez, ofereceram chá de erva-cidreira, o qual foi aceito por todos, de bom grado.

Como sempre tem um curioso por perto, alguém da Prefeitura perguntou aos integrantes da equipe se, ao tomarem o delicioso chá, não sentiam medo de terem muito sono.

Foi assim que ficaram sabendo da colega que passou por lá anteriormente, a qual, por cautela, não aceitou o suco de maracujá.

Para felicidade geral, terminou tudo numa grande risada.

JANTAR SEM GRAÇA

No local em que nos encontrávamos, naquela época, não havia hospedagem de espécie alguma, portanto ficamos alojados no município mais próximo, onde havia um hotel que oferecia também serviço de restaurante, facilitando muito o nosso trabalho.

Inspecção terminada, fomos convidados para um jantar na companhia do pessoal da contabilidade, ou seja, os que ficavam mais próximos de nós.

Como a prudência manda que não devemos aceitar esse tipo de coisa, dissemos que não tínhamos o hábito de jantar, considerando que estávamos acima do peso ideal, o que foi entendido perfeitamente por eles.

Porém, como tinham ficado pendentes certas fotocópias e também alguns documentos que não foram possíveis arrumar durante o expediente, dissemos que não haveria problema nenhum se nos entregassem, à noite, no hotel onde estávamos.

Entretanto, quando o pessoal chegou ao referido hotel para nos entregar os documentos solicitados, encontrou-nos “atolados” num imenso bife a cavalo, regado com um monte de batatas fritas, o que lhes causou espanto e certo mal-estar, pois, se tínhamos afirmado que não jantávamos a fim de mantermos a forma física, como poderíamos estar comendo daquele jeito?

Confesso que foi um dos momentos mais constrangedores pelo qual passamos.

Daí, tivemos que inventar outra desculpa esfarrapada. Explicamos que, por já estarmos voltando para nossas casas, resolvemos quebrar aquele trato “de não comermos à noite”.

Dessa lembrança ficou a lição de termos mais cuidado dali para a frente, pois a “mentira sempre tem perna curta”.

TÔ NA TV

*Dizem que, quando é para dar certo,
até os ventos sopram a favor.*

Um colega que, naquela época, era tido como “garanhão da madrugada” (hoje, com o passar do tempo, já não lhe conferem mais esse título) disse em casa que iria à Chapada dos Guimarães-MT para resolver um “probleminha” e logo retornaria. Só que, na verdade, ele já tinha combinado com uma turma de amigos de se encontrarem em Cáceres-MT, onde estava “bombando” o famoso Festival de Pesca, evento que reúne gente do mundo inteiro, ficando a cidade num agito total.

Este colega, naquele tempo, gostava de tomar “todas e mais algumas”; hoje, entretanto, com um pequeno problema cardíaco a ser administrado, quando toma alguma bebida, tem que ser sem álcool, só mesmo para acompanhar a galera e relembrar os bons tempos de outrora.

Porém, na sua ingenuidade, ele colega não imaginava que havia um canal de televisão transmitindo, a todo instante, *flashes* ao vivo do famoso festival.

Assim, foi mostrada uma geral daquele evento, em transmissão direta, justamente aparecendo a mesa onde ele se encontrava, numa descontração e alegria total e, para complicar ainda mais a sua vida,

rodeado só de gente bonita.

Por uma total coincidência, coisa que a lógica não explica, nesse momento, na sua residência, havia uma televisão ligada e sintonizada no referido canal, quando alguém que assistia gritou:

— Mãe... Olha o pai aí na TV!

Acredito que o colega deve ter tido muita dificuldade em explicar aos familiares esse deslize.

O MELHOR BIFE DO MUNDO

Todas as noites, quando fazíamos as nossas refeições num determinado hotel, sempre pedíamos um prato onde vinha, entre outras iguarias, um imenso e succulento bife de fazer inveja, como o que comíamos antigamente na casa de nossas mães. Era de uma maciez sem explicação, comparada somente com aqueles que supomos existir apenas nos programas de culinária exibidos na televisão, e assim foi, até o final da nossa inspeção.

Ainda no hotel, quando já nos preparávamos para partir, uma pessoa, que se identificou como representante de remédios, nos perguntou:

— O que acharam da comida?

Diante de tal pergunta, tecemos os mais célebres elogios, principalmente ao bife.

Então, ele nos perguntou:

— Por uma curiosidade: vocês foram conhecer a cozinha?

Como afirmamos que não, ele disse:

— Felizmente, pois, se conhecessem, certamente não comeriam nada. Nunca, em toda a minha vida de viajante, vi tanta barata por metro quadrado como naquele local.

Depois de ouvir esta história, só nos sobrou o consolo de que “o que os olhos não veem, o coração não sente”.

SALTO NA CACHOEIRA

O pessimismo torna os homens cautelosos, enquanto o otimismo torna os homens imprudentes.

Confúcio

Após o término da nossa inspeção no município, seguimos, acompanhados pelo pessoal da Prefeitura mais um companheiro que dava consultoria, conhecido como “Alemão”, e fomos conhecer uma famosa cachoeira que ficava dentro da cidade. Eles nos relatavam as mais diversas explicações sobre aquele fenômeno da natureza.

A paisagem que se deslumbrava era encantadora. Ficamos horas a admirar aquela beleza criada pelas mãos divinas e, para completar ainda mais, havia um arco-íris que praticamente sumia na espuma das águas, que pareciam ser tragadas pelo desfiladeiro.

Aquelas águas formam o grande rio Guaporé que, dali pra frente, vai ficando cada vez mais largo devido à participação de outros afluentes.

Com tanta beleza à nossa frente, não percebemos quando o “Alemão”, sem nenhum mistério, se atirou lá de cima, num salto que parecia sem fim, praticamente sumindo na água e só

reaparecendo, para nossa alegria, alguns metros rio abaixo.

Depois que nos restabelecemos do susto, ele nos contou que já havia feito esse salto outras vezes, sempre se dando muito bem.

Quando ele nos disse isso, recordei-me dos meus irmãos ribeirinhos, com quem praticamente passei toda a minha meninice, que costumavam dizer que “água não tem galho”.

FALANDO DIFÍCIL

*Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina.*

Cora Coralina

Fomos instalados numa sala e, ao lado, funcionava um setor da Prefeitura que realizava um determinado cadastramento com pessoas carentes do município, para a aquisição de algum bem. Como estávamos separados apenas por meio biombo de madeira, praticamente ouvíamos todas as conversas que ali se desenrolavam.

Percebemos que os entrevistados eram questionados e tinham que responder a certas perguntas, do tipo: onde moravam, quantas pessoas residiam na sua casa, enfim, semelhantes a que estamos acostumados a responder para o censo.

Numa dessas conversas, a entrevistadora, usando uma linguagem muito técnica para o perfil dessa gente, fez a seguinte pergunta para um deles:

— Quantos filhos você tem?

Ele respondeu que tinha 11 filhos.

Assustada com o tamanho da família, ela lhe perguntou:

— A prole do senhor é bem grande, né?

O coitado do cidadão que, pelo tom da voz, nos fez parecer ser uma pessoa bastante humilde, morador de sítio, sem entender nada

do que lhe foi perguntado, respondeu, com toda clareza:

— Óia dotora, grande nem tanto, mas tá sempre dura.

Confesso que não conseguimos conter o riso.

Tivemos que interromper a inspeção por várias vezes, e até à noite, durante o nosso lazer, ainda ríamos muito.

E eu, á claro, não poderia deixar de fazer aqui o registro deste clássico.

PERIGO NO AR

*Jamais se desespere em meio às
sombrias aflições de sua vida, pois das
nuvens mais negras cai água límpida
e fecunda.*

Provérbio Chinês

De todos os “causos” que chegaram às minhas mãos, este, sem sombra de dúvida, foi o que mais me surpreendeu.

Pensei várias vezes em não publicá-lo, por não ter nada de pitoresco, mas sim de perigo, entretanto, como devemos mostrar ao leitor o quanto é difícil o nosso cargo e os riscos que corremos no dia a dia das nossas andanças, vamos mostrá-lo, com um leve toque de humor.

Seguiam de Brasília-DF, a bordo do Caravan, duas equipes do Tribunal de Contas, composta por cinco colegas, com destino a São Felix do Araguaia-MT.

Dizem os entendidos de aviação que esta aeronave é considerada altamente segura, uma vez que o seu motor funciona acoplado a duas turbinas muito fortes.

A viagem seguia tranquilamente num voo perfeito, todos os passageiros admiravam a belíssima paisagem ao mesmo tempo em que contavam os minutos pendentes para coloca-

rem os pés no chão.

De repente, não se soube por que motivo, houve uma queda brusca de altura e a aeronave parecia que ia de encontro ao solo, provocando pânico geral, tanto na tripulação como também entre os passageiros.

Disseram-me os colegas que esses segundos vividos no ar foram os mais longos de suas vidas.

Felizmente, os pilotos conseguiram restabelecer a altura ideal da aeronave e, graças a Deus, a viagem terminou sem nenhum problema, chegando todos ao seu destino final, são e salvos.

O que ficou na lembrança destes bravos companheiros foi aqueles momentos inesquecíveis de desespero, que só o tempo irá tirar da cabeça de cada um.

CADÊ A PISTA?

*A vida é uma viagem a três estações:
ação, experiência e recordação.*

Júlio Camargo

Por incrível que pareça, quando comecei a catalogar com os colegas os seus relatos para colocar neste livro, fatos verídicos relacionadas com avião foram os que mais apareceram. Então, procuramos dar um molho de humor em cada um deles.

O que vamos narrar neste caso aconteceu com uma equipe que seguia de Matupá-MT, no extremo norte mato-grossense, de volta a Cuiabá-MT, por sinal num bimotor, ou seja, numa aeronave com mais potência e velocidade.

Estavam num voo tranquilo, como dizem os pilotos, num “céu de Brigadeiro”, toda a equipe relaxada, depois de mais uma missão cumprida. Tudo corria às mil maravilhas até que, já chegando ao destino final, se formou um enorme temporal, com visibilidade quase zero, obrigando a tripulação a recorrer aos mapas para saber exatamente qual a sua posição naquele momento.

Como nesse tipo de aeronave não havia divisória entre os assentos dos pilotos e os dos passageiros, a comunicação entre

eles era ouvida simultaneamente.

Num desses diálogos, nossos colegas perceberam a dificuldade enfrentada em localizar a pista do aeroporto de Cuiabá-MT.

Sendo assim, todos se imbuíram de mais uma missão: auxiliar, através do vidro das janelas, a localizar a pista de pouso o mais rápido possível, até que, num certo momento, reconheceram que já estavam sobrevoando a ponte Júlio Müller, bem próximo da cabeceira da pista.

E foi assim o relato dos colegas, quando me disseram que tiveram um final feliz, pois, com um toque de maestria e leveza de uma pluma, os pilotos fizeram a aeronave tocar o asfalto no solo.

Hoje, passado o susto, ficou registrada na memória dos colegas esta aventura, para contarem aos seus netos.

ACABOU O ÁLCOOL!

Com organização e tempo, acha-se o segredo de fazer tudo e bem feito.

Pitágoras

Após a conclusão dos trabalhos realizados em Diamantino-MT, estavam os nobres colegas retornando para a capital, e não se sabe por que cargas d'água optaram por não abastecer o veículo naquela cidade, achando que o combustível seria suficiente para chegarem até a localidade denominada Posto Gil.

Sendo assim, desconheciam que a autonomia do álcool é bem mais reduzida, e o que é pior, o marcador do painel começou a indicar que este já estava se acabando.

Quando chegaram ao referido Posto, verificaram que ele havia sido desativado há muito tempo, funcionando nesse local apenas uma pequena lanchonete e uma parada de ônibus.

Diante dessa situação, só havia uma opção: conseguir uma carona para retornarem a Diamantino-MT, a fim de adquirirem o precioso combustível.

Foi quando um dos colegas sugeriu para a sua companheira de equipe que colocasse uma minissaia e ficasse na beira da estrada, até que algum generoso caminhoneiro parasse, e assim eles poderiam conseguir a tão necessitada carona de volta

a Diamantino-MT.

Entretanto, considerando o alto nível de violência vivida em nossos dias, este plano foi abortado. O colega foi até a lanchonete, comprou duas garrafas de álcool comum, colocou-as no tanque e, felizmente, para alegria de todos, o carro funcionou e assim retornaram a Diamantino-MT, onde o abastecimento foi concluído.

Esta aventura serviu de lição para muitos, pois devemos sempre ficar atentos e andar com o tanque da nossa viatura totalmente abastecido, em qualquer distância, para não cairmos nessa armadilha.

TOMAR UMA PROVIDÊNCIA

O significado das coisas não está nas coisas em si, mas sim em nossa atitude com relação a elas.

Antoine de Saint Exupery

Estávamos desenvolvendo normalmente nosso trabalho numa determinada Prefeitura e, como de costume, nessas horas, o agito é geral.

A cidade inteira fica sabendo da nossa presença no município, alguns nos procuram, outros mandam recado de algo errado que, porventura, esteja acontecendo, e assim por diante.

Um fato nos chamou muito a atenção, durante o desenrolar das atividades: todas as vezes que necessitávamos de algum documento ou coisa desse gênero e solicitávamos a presença do contador, ouvíamos sempre a mesma resposta:

— No momento ele não está, saiu para tomar uma providência.

E assim foi. Durante a inspeção inteira, sempre que o procurávamos... Tinha saído para tomar uma providência.

Quando demos por terminada a inspeção, já de malas arrumadas para deixarmos a cidade, foi que ficamos sabendo que a tal providência nada mais era do que uma famosa “pinga” que tinha esse nome, muito consumida na cidade.

Desse fato, ficou a constatação de que nem sempre “tomar uma providência” é, na realidade, tomar uma atitude.

MAL-ENTENDIDO

*Arriscar-se em campo desconhecido é
imprudência de quem procede mal.*

Eanes A. de Souza

Cidade pequena... Sabe como é, todo mundo conhece todo mundo, pouca coisa ou quase nada muda e, quando aparece algum forasteiro, logo se torna objeto de especulação, ou seja: quem é e o que está fazendo por aquelas bandas.

Neste caso, num desses lugares, dois colegas estavam como ilustres desconhecidos, quando, à noite, ao terminarem o lanche, já se preparavam para descansar e foram abordados por um Sargento Comandante da segurança local, que foi logo lhes dizendo:

— Olha... Vocês não são daqui, portanto quero avisá-los que não tolerarei nenhum tipo de confusão!

Um dos nossos colegas, que é advogado, rebateu dizendo:

— O senhor pode ficar tranquilo, não somos arruaceiros, somos funcionários do Tribunal de Contas e estamos aqui para fazer nosso serviço.

Confusão desfeita, o nobre representante da segurança pública pediu desculpas aos colegas, desejando boas estadas na cidade e que, se precisassem de alguma coisa, estava às ordens.

Para a alegria de todos, tudo foi resolvido na base do diálogo.

PANE LEVE

Os homens semeiam na terra o que colherão na vida espiritual: os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.

Allan Kardec

Estávamos saindo do município de Castanheira-MT, onde tínhamos encerrado a inspeção, e nos deslocaríamos até a cidade de Juína-MT para pegarmos o avião que nos levaria de volta a Cuiabá-MT.

Chegamos ao aeroporto dentro do horário, despachamos nossas malas e ficamos no saguão, à espera da aeronave, a qual pousou dentro do horário previsto.

Como já tínhamos alguma experiência, toda vez que as aeronaves fazem suas paradas, é comum o motor ser desligado para normalmente serem reabastecidas. Nesse caso específico, não houve o desligamento.

Observamos que tanto as pessoas que desciam como as que foram convidadas a embarcar o fizeram com o motor funcionando. Como um eterno curioso, perguntei para um dos pilotos qual a razão de o motor não ter sido desligado.

Ele nos informou que a aeronave tinha apresentado uma pane leve, mas que não nos preocupássemos, pois o problema não inspi-

rava nenhum perigo.

Após ouvir tal explicação, antes de embarcar, chamei minha colega e perguntei o que ela achava dessa situação: Deveríamos ou não embarcar? Em uma hora, estaríamos em Cuiabá-MT, ou seria mais conveniente pegarmos um ônibus e aguentarmos umas 12 horas de solavanco pela estrada afora?

Ela respondeu:

— Seja o que Deus quiser, vamos embora agora!

Felizmente, nada nos aconteceu de grave; chegamos sem nenhum problema, ficando apenas a lembrança dessas horas de suspense e angústia, que pareciam intermináveis.

MISS MUNDO

O que é belo não morre: transforma-se em outra beleza.

Balley Ardrich

Desenvolvíamos nosso trabalho numa sala gentilmente cedida pela Prefeitura, onde um quadro afixado na parede chamou minha atenção, pois era uma enorme foto de “Misses”, cujo concurso tinha sido realizado num país da Ásia.

Perguntando a respeito disso, foi-nos informado que uma daquelas moças tinha saído desse município e foi finalista do concurso para *Miss Universo*.

Como a curiosidade falou mais alto, comecei a perguntar a respeito dela, como havia conseguido esse feito, uma vez que, em matéria desse assunto, sou completamente alheio.

O nosso interlocutor começou dizendo que a referida moça chegou nesse município com seus pais, juntamente com uma leva de sulistas, para serem mais uma daquelas famílias que vieram para o nosso estado em busca de algo melhor que em seu território natal.

Como a sua beleza feminina foi logo despontada, ela foi convidada a desfilhar pelo seu colégio, conseguindo o primeiro lugar; depois pelo município; em seguida, pelo estado e assim

até ser eleita *Miss Brasil*, indo participar do *Miss Universo*, no qual ficou entre as cinco finalistas mais belas do mundo.

Questionando sobre o seu atual paradeiro, ficamos sabendo que morava em Sinop-MT e que havia constituído uma família.

Entretanto, disseram-nos que aquela beleza resplandecente estampada no painel da parede já não estava como outrora, talvez desgastada pelo intenso sol que brilha muito forte na nossa região.

APURO NO TÁXI

*Agradeço a todas as dificuldades que
enfrentei; não fosse por elas, eu não
teria saído do lugar. As facilidades nos
impedem de caminhar.*

Chico Xavier

Tínhamos terminado a inspeção na Prefeitura de Rosário Oeste-MT, a última de nossa rota e nos preparávamos para retornar à base, em Cuiabá-MT.

Naquele tempo, não tínhamos o conforto dos dias de hoje, em que podemos nos dar ao luxo de escolher o carro que vamos usar, de acordo com a região que vamos enfrentar.

Ficávamos assim à mercê de alguma viatura da Prefeitura que se dispusesse a nos conduzir, quase sempre mal conservadas, além de serem também castigadas pelo desgaste das estradas da região, cuja revisão era sempre esquecida.

Nesse caso, avisaram-nos que, naquela Prefeitura, não havia nenhuma viatura disponível para nosso transporte, mas que iriam providenciar um táxi, por sinal bastante desgastado não só pelo tempo como também pelo uso excessivo nas péssimas estradas da região, onde a única coisa que não batia era a documentação – o resto batia tudo.

Diante da situação, não tínhamos o que questionar, ou seja, era pegar ou esperar pelo ônibus de linha.

Optamos pelo táxi, e seguimos a viagem, até sermos obrigados a parar no Trevo do Lagarto, em decorrência de uma *blitz* da polícia.

O policial que estava de plantão, depois de dar uma “geral” vistoriando o referido táxi, chegou à triste conclusão de que a viatura deveria ser apreendida, pois, no estado em que se encontrava, não poderia mais servir de condução.

Foi quando tivemos um pouco de trabalho no sentido de justificarmos a utilização do referido veículo. Só após nos identificarmos e apresentarmos explicações plausíveis, fomos liberados e com a devida permissão de seguirmos em frente na mesma viatura, até as nossas residências.

SUSTO NO CAFÉ

*Nem sempre quem está do
seu lado está com você.*

Desenvolvíamos nosso trabalho normalmente, entretanto um fato nos chamou a atenção, pois toda vez que uma senhora que servia o café se aproximava de nós, notávamos no seu semblante um ar de mistério, desconfiança ou algo parecido, mas, como não tínhamos nada a ver com isso, seguíamos a nossa rotina.

Quando já nos preparávamos para deixar essa Prefeitura, como de praxe, nós nos despedimos daquelas pessoas que passaram a maior parte do tempo conosco. Normalmente, são as do setor contábil, o que mais faz parte do nosso trabalho.

No momento de embarcarmos na viatura que nos conduziria a outro município, fomos chamados por um “deles”, que nos convidou para irmos até a copa/cozinha desta Prefeitura, pois havíamos esquecido algo. Atendemos prontamente e, lá chegando, o homem, vendo a senhora que nos servia o café, disse:

— O pessoal do Tribunal de Contas quer saber daquele material que a senhora quebrou!

Nesse momento, ela, tomada por um susto muito grande, deixou cair no chão uma bandeja que estava em suas mãos, cheia de xícaras.

Depois do susto, tudo terminou numa grande gargalhada, mas

dissemos ao brincalhão que não se deve, abruptamente, mexer com o sentimento das pessoas, pois vai que, numa dessas, tenham um mal súbito ou coisa parecida.

Mas, nesse caso, não passou de uma brincadeira.

COLEGA REPÓRTER

Nunca tenha certeza de nada, porque a sabedoria começa com a dúvida.

Sigmund Freud

Em uma determinada inspeção num município recém-emancipado, que praticamente ficava dentro de uma aldeia indígena, uma colega observava através da janela que, todo final de tarde, várias índias seminuas aglomeravam-se na praça central, com apenas a “parte de baixo” do corpo coberta, fazendo com que alguém da cidade, já sabendo da situação, logo providenciasse umas roupas para que elas vestissem.

Curiosa com esta situação, a colega resolveu perguntar para uma delas:

— Por que vocês se comportam deste jeito?

Foi quando responderam que estavam ali para fazerem “programa” com o branco. A colega, indo mais fundo no questionamento, perguntou:

— É por dinheiro?

Uma delas respondeu:

— Não... É que o branco, além de beijar na boca, tem a “bunda voadora”.

Indignada com a resposta, a colega quis saber qual o verdadeiro

significado dessa expressão, e assim veio a explicação:

— O branco tem um “rebolado” que o índio não tem.

Refeita da curiosidade, a colega deu por encerrada a sua experiência de repórter por um dia.

BANHO COMPLICADO

Paciência e perseverança têm o efeito mágico de fazer as dificuldades desaparecerem e os obstáculos sumirem.

John Quincy Adams

A colega se encontrava num município considerado, naquela época, como fim do mundo. A única pensão existente era daquelas que a gente só achava que existia em filmes do velho oeste americano, cujo banheiro ficava nos fundos de um corredor, com suas paredes formadas apenas por tiras de madeira, material abundante na região.

Como nesse dia a bomba d'água não estava funcionando, cada um que ia utilizá-lo tinha que encher um balde e ser rápido, considerando a fila que se formava na sua porta de entrada.

Quando chegou a vez da colega, numa rápida inspeção, percebeu que faltavam algumas ripas na tal parede de madeira, permitindo uma visão do que estava acontecendo lá dentro a quem estivesse do lado de fora.

Não querendo pagar esse mico, ela resolveu montar uma parede com alguns tijolos de oito furos que se encontravam por perto.

Após ter montado uma miniparede de modo que, se alguém visse alguma coisa, seria somente do pescoço para cima, foi possível, enfim, que a colega tomasse o banho mais rápido da sua vida.

OLHAR INDISCRETO – II

*A perfeição da própria conduta
consiste em manter cada um a sua
dignidade sem prejudicar a liberdade
alheia.*

Voltaire

Finalmente, as colegas chegaram ao seu destino, após um longo percurso aos solavancos de uma viatura modelo Veraneio, numa estrada esburacada e poeirenta. Como os carros não tinham ar condicionado na época, as únicas opções eram: “passar calor com os vidros fechados ou comer poeira para não morrer sufocado”.

Estavam exaustas, bastante cansadas, e a primeira coisa que pensaram foi se na pensão tinha um quarto limpo, com roupa de cama lavada, e um chuveiro que proporcionasse um bom banho para, no dia seguinte, acordarem com a bateria carregada.

Felizmente, a pensão oferecia algum conforto, ou seja, banheiro dentro do quarto, chuveiro com água abundante, o que proporcionou a elas um “banho de Cleópatra”.

Após o banho, e como nessa época (mês de agosto) a pele fica muito ressecada, aproveitaram o momento relaxante para

uma seção de creme hidratante pelo corpo todo.

Tudo corria às mil maravilhas até que, num determinado momento, perceberam que, no lugar das janelas, só havia cortinas e nada mais.

Notaram também que, do lado de fora, havia alguns pares de olhos que, há muito tempo, observavam aquelas “deusas” nos seus momentos íntimos de descontração e embelezamento.

Mas aí já era tarde... Só restou darem umas boas gargalhadas. No dia seguinte, já estavam no batente novamente.

PISTA CURTA

Os dois testes mais duros no caminho espiritual são: a paciência para esperar o momento certo e a coragem de não nos decepcionarmos com o que encontramos.

Paulo Coelho

Quando começamos a fazer auditoria nos municípios do nortão de Mato Grosso, o deslocamento entre eles era muito precário, devido à distância que os separava. Diferentemente dos dias atuais, quase todas as estradas não tinham asfalto, o que fazia com que demorássemos quase uma manhã ou uma tarde para chegarmos a um determinado lugar.

Numa dessas aventuras, optamos por ir num “teco-teco” monomotor, fretado de um empresário que trabalhava no ramo de garimpo, atividade muito comum naquela época e região, o que encurtaria bastante a nossa viagem. Assim que tudo ficou combinado, seguimos até o campo de aviação, localizado no meio de uma invernada de bois.

Numa primeira observação, verificamos que a pista era um pouco curta. O que não sabíamos até então (e que nos causou imensa surpresa) era que, em situação como esta, se amar-

rava uma ponta de corda na cauda da aeronave e a outra ponta em um tronco qualquer da mata.

Uma vez alcançada a aceleração total da aeronave, o piloto pedia para alguém do lado de fora, que, com o auxílio de um facão, cortasse a corda e, assim, a aeronave levantava voo rasante, entre as copas das castanheiras que ficavam no final da pista.

Felizmente, fizemos um voo normal, de aproximadamente 45 minutos, e já estávamos sobrevoando a praça central da próxima cidade. Como era hábito naquela região, o piloto, mais uma vez, deu a tradicional rasante como sinal para que alguém fosse nos buscar.

SUSTO NA PREFEITURA

O medo faz parte da vida da gente. Algumas pessoas não sabem como enfrentá-lo, outras – acho que estou entre elas – aprendem a conviver com ele e o encaram não como uma coisa negativa, mas com um sentimento de autopreservação.”

Ayrton Senna

Desenvolvíamos o nosso trabalho numa determinada Prefeitura e tudo estava dentro dos conformes. A equipe designada para nos auxiliar já tinha deixado separados todos os papéis que iríamos usar, o que, inclusive, facilitou muito o nosso serviço. Estava tão silenciosa aquela sala, que dava para ouvir o cantar de algum mosquito anunciando o seu desejo.

Até que, num determinado momento, fomos surpreendidos pela explosão de uma bomba tipo caseira, daquelas que soltam em festas juninas, a qual estourou bem próximo da janela ao lado da qual nos encontrávamos sentados.

Isto nos causou um susto enorme, pois foi de um barulho ensurdecador.

Chegamos a pensar que se tratava de algum ato de intimi-

dação, ou coisa assim, contra a nossa equipe.

O pavor foi tão grande e a explosão ainda maior que chegou a derrubar no chão todo o nosso material de trabalho.

Refeitos do impacto e passado o susto, percebemos que, na realidade, era uma meia dúzia de garotos que brincavam na rua soltando suas bombas, uma vez que estávamos no mês de junho, quando se comemora com esse tipo de brincadeira.

MORCEGOS

Esperem com paciência, ataquem com rapidez.

Provérbio Chinês

Estávamos num município do baixo Araguaia, e a sede da Prefeitura ficava bem próximo ao rio que leva o mesmo nome.

Acomodamo-nos num casarão bastante antigo, o qual lembrava aqueles filmes de terror que muito povoaram as nossas cabeças na meninice, quando a noite chegava e tínhamos dificuldade para dormir, necessitando do conselho dos nossos pais para que não mais os assistíssemos.

O que mais nos chamou a atenção foi que o pessoal que lá trabalhava, de tão acostumado a essa situação, não mais sentia o forte odor causado pelas sujeiras dos morcegos, principalmente no período da tarde, quando o sol incidia com mais força sobre o telhado, cujo fedor era insuportável.

Diante disso, sugeri aos meus companheiros de equipe que colocássemos nossas mesas do lado de fora, embaixo de uma árvore frondosa, muito melhor do que ficarmos lá dentro do referido casarão, no meio da morcegada.

Assim que terminamos a nossa inspeção, com a rapidez de um raio, no outro dia, já estávamos voando em direção ao nosso próximo destino, levando na memória apenas a lembrança de nunca ter visto tanto fedor desse bicho num só lugar.

POLIGLOTA

Precisamos de sabedoria e humildade. A primeira para enfrentar as adversidades e a segunda para aceitá-las.

O colega se encontrava com sua equipe numa inspeção no município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT e seus olhos viram uma dessas desafortunadas pessoas tidas como maltrapilhas, andarilhas, encontradas em qualquer cidade pedindo ajuda.

Como curioso que é, resolveu interpelá-lo, perguntando de onde era, o porquê daquela situação, enfim, procurou se inteirar da vida desse peregrino.

Num rápido diálogo, deu para perceber que tinha diante de si uma pessoa culta, daquelas que, num momento da vida, sabe lá Deus por quê, deixam tudo que têm e saem pelo mundo em busca de aventuras.

Não satisfeito, o colega fez-lhe uma pergunta em inglês testando o seu intelecto. Para sua surpresa, este não só lhe respondeu como também lhe fez uma pergunta no mesmo idioma.

Percebendo a lambança em que se meteu e considerando que o seu inglês mal servia para pedir água, apelou para o es-

panhol, quando, mais uma vez, recebeu em troca outra resposta nessa língua e com um sotaque só falado em Madri.

O colega, que é praticante da doutrina espírita, percebendo que ali na sua frente se encontrava um verdadeiro poliglota, humildemente se despediu daquele viajante do mundo com uma lição na sua bagagem, a de nunca mais subestimar ninguém nesta vida.

VIAGEM A COMODORO

*As pessoas felizes lembram o passado
com gratidão, alegram-se com o
presente e encaram o futuro sem
medo.*

Epicuro

Na companhia do colega Camarão, saímos de ônibus de Cuiabá-MT, com destino ao município de Comodoro-MT, situado no limite da divisa com o estado do Pará, viagem cuja duração era de, aproximadamente, 10 a 12 horas, em decorrência das inúmeras paradas nas demais cidades existentes ao longo da BR-364.

Como era a primeira viagem deste colega, foi difícil a separação da sua filha caçula na rodoviária de Cuiabá-MT; só conseguimos embarcar depois de muitos abraços. Hoje, essa garota é acadêmica de Medicina, e muito em breve estará exercendo a sua profissão.

Quando, finalmente, chegamos ao nosso destino, altas horas da noite, fomos informados pelo auxiliar do motorista que aquele carro não tinha permissão para entrar na cidade, ou seja, teríamos que descer ali mesmo, na beira da própria BR-364.

Se fosse nos dias de hoje, com o auxílio de um simples celular, isso não seria problema, pois chamaríamos um táxi e tudo ficaria resolvido. Imaginem como foi difícil a nossa chegada naquele tempo, quando essa tecnologia ainda não existia.

Tivemos muita dificuldade de convencer o motorista do ônibus a nos deixar, pelo menos, num ponto onde existisse luz elétrica, para que pudéssemos tomar alguma providência e, finalmente, chegarmos ao hotel. Lá, até hoje me recordo muito bem, o porteiro se encontrava dormindo profundamente num sofá.

Tudo foi resolvido e, no outro dia, já estávamos a postos para mais uma missão a ser cumprida.

VIDAS EM RISCO

Para a arte de viver, é preciso saber a arte de ouvir, sorrir e ter paciência...

Sempre.

Hermann Hesse

Numa inspeção efetuada na década de 1980, num município do nosso nortão, onde o garimpo atraía gente de todo tipo e do Brasil inteiro, esta cidade era tida como altamente perigosa.

Na sua rua principal, cortada pela BR-163, que liga Cuiabá a Santarém, o que se via era apenas uma farmácia ao lado de uma “casa de tolerância”.

Quando a noite caía, o movimento triplicava com a chegada das pessoas vindas das grotas e, ao amanhecer, não era novidade ter sempre algum morto ou ferido, dando muito trabalho para as autoridades policiais.

Era tanto ouro que corria nessa região, que praticamente se tornou moeda de troca no comércio local; tudo girava em torno desse metal.

No final da inspeção, os colegas foram convidados a participar de um jantar com o pessoal que os acompanhava na Prefeitura.

No entanto, um deles, iluminado pelo seu anjo da guarda e usando de premonição, conseguiu convencer o outro a não irem nesse lugar, mudando radicalmente o roteiro combinado, e assim foram jantar em outra localidade.

Graças a essa intervenção divina, os colegas foram salvos de uma emboscada com intenso tiroteio, o qual aconteceu no referido local antes previsto. Não houve mortes, somente o susto que acometeu a todos.

NAS ASAS DO CARAVAN

As decepções, as derrotas e o desânimo são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada.

Paulo Coelho

Para quem nunca viajou em uma aeronave tipo Caravan, saiba que ela é considerada pelos entendidos em aviação das mais seguras, com turbo-hélice, capacidade para nove passageiros e dois tripulantes, entretanto o seu formato (o maleiro ficava embaixo dos bancos) provocava certo medo nos passageiros de primeira viagem, mas nada que causasse desconforto durante a viagem.

Como naquele tempo as passagens nos eram fornecidas na véspera da viagem, só sabíamos o nome da empresa aérea no balcão do aeroporto, já na hora do embarque.

No nosso meio, havia uma colega que, até então, ainda não tinha viajado nesse tipo de aeronave. No saguão de embarque, olhando para a pista, estava estacionado um jato supermoderno bem na nossa frente, foi quando ela nos perguntou:

— Nós vamos nesse?

— Não — respondemos. — O nosso é aquele ali, mais à esquerda, afastado da pista.

A partir desse momento, a colega, como que tomada por

certo medo, ficou definitivamente muda e não falou com ninguém durante a viagem inteira.

Para sua infelicidade, ainda tivemos uma escala em Rondonópolis-MT, e finalmente chegamos a Barra do Garças-MT. Depois de refeita do nervoso pelo qual passou, brindou-nos com um belo sorriso.

CARRO TROCADO

*Nossos melhores sucessos vêm depois
de nossas maiores decepções.*

Henry Ward Beecher

Os colegas desenvolviam suas atividades num município final de rota, com mais de 15 dias fora de casa, enfrentando as péssimas estradas.

Nessas horas, tanto o cansaço como a saudade do conforto do lar tornam a inspeção muito cansativa, sem contar que a roupa limpa já começa a faltar na mala. A única coisa que vem em mente é chegar em casa, para o descanso merecido.

E como, naquele tempo, não tínhamos a liberdade que temos hoje, de irmos e voltarmos com o carro por nós mesmos alugado, ficávamos à espera do carro da Prefeitura ou da Câmara Municipal, para nos deslocarmos de um município a outro, e até mesmo para retornarmos ao nosso domicílio.

Foi assim que o contador dessa Prefeitura disse aos colegas da equipe que não se preocupassem, pois iriam estrear uma caminhoneta recém-adquirida e essa seria a sua primeira viagem.

Imediatamente, com ansiedade à flor da pele, nossos companheiros já estavam a postos, prontos para enfrentarem a via-

gem de volta, na certeza de irem nessa maravilha de viatura praticamente nova.

Como diz o ditado popular, “alegria de pobre dura pouco”, para surpresa de todos, a condução liberada foi um táxi caindo aos pedaços, cujo motorista usava óculos de grau fortíssimo, daqueles conhecidos como “fundo de garrafa”.

Como já era tarde e não podiam perder tempo, o jeito foi embarcarem nesse mesmo.

Felizmente, tudo terminou bem e chegaram ao destino sãos e salvos, mas ficou na lembrança o sonho de um dia viajar numa F-1.000 zero km, a qual foi trocada por uma Belina bastante gasta pelo tempo.

CATAR MINHOCA

*Educar é semear com sabedoria e
colher com paciência.*

Augusto Cury

Este fato ocorreu num certo município da Baixada Cuiabana que, embora localizado tão perto da capital, permaneceu por muito tempo no isolamento e ostracismo total.

Após grande sacrifício e com a ajuda de alguns políticos, conseguiu montar a sua primeira Cooperativa de ajuda aos pequenos agricultores, com a distribuição de sementes e adubos aos seus cooperados a um preço acessível, na intenção de desenvolver e expandir esse setor.

Naquela oportunidade, tal atitude foi comemorada com muitos fogos de artifício, generosos discursos das autoridades, enfim, tudo como manda o figurino nessas ocasiões.

No entanto, aconteceu que, depois da inauguração, não apareceu ninguém em busca de implementos agrícolas.

Num belo dia, surgiu o primeiro candidato na loja da referida cooperativa. O gerente, com o intuito de lhe agradar, saudou-o dizendo:

— Que bom que nos procurou. Estamos aqui para ajudá-lo no que for possível. Do que o senhor precisa?

O interessado lhe respondeu:

— Estou precisando muito de uma enxada das boas. O senhor tem, por acaso?

E o gerente lhe disse:

— Claro, temos sim! Mas o amigo vai plantar o quê?

Então, o humilde interessado lhe afirmou:

— Olha, moço, eu preciso mesmo da enxada para tirar minhoca para pescar.

Infelizmente, a cooperativa não vingou, terminou fechando suas portas.

Atualmente, este município se encontra ligado por asfalto tanto à capital como ao norte do nosso estado, cujo progresso começa a dar sinais com vastas lavouras de soja e criação de gado, ficando registrada, na memória dos mais velhos, a existência da primeira cooperativa, que um dia já nasceu morta.

BANHO DE GATO

A paciência é a única solução para os males que não têm solução.

Joseph Joubert

Sempre que estou arrumando a minha mala para mais uma viagem, lembro-me do companheiro Camarão, que, toda vez que se preparava para o banho matinal, tinha um ritual a ser cumprido: na mão esquerda, seguia levando uma imensa toalha bem felpuda; na outra mão, a saboneteira, o *shampoo* e seu inseparável estojo de barbear, daqueles que têm, entre outras coisas, o pincel para preparar a espuma.

Na pensão em que nos encontrávamos hospedados, o quarto era tão pequeno que as camas ficavam quase grudadas, mal dando para nos deslocarmos de um lado para outro.

Nesse dia, este companheiro levantou-se bem cedo, com o firme propósito de se barbear e depois tomar um belo banho.

Porém aconteceu que, por ser a nossa primeira noite nesse local, não tínhamos a noção exata da quantidade de mosquitos que havia lá dentro.

Quando o companheiro mal fechou a porta do banheiro, deu “meia volta-volver”, desesperado com uma nuvem dessa praga.

O cano de PVC no qual descia a água da descarga na privada estava, ao invés de branco, todo manchado de preto devido à presença maciça de mosquitos, o que impediu este colega de cumprir, como de costume, com a sua tradição matinal.

Por causa disso, tivemos que tomar o banho mais rápido das nossas vidas, à “moda gato”, ficando o barbear do colega para outra oportunidade, em outro hotel e num outro município.

SUSTO COM O CONTADOR

A vida é assim: algumas pessoas nos trazem doenças emocionais, mas Deus sempre envia outras com a cura.

Day Anne

Estávamos num município ainda em fase de conclusão da inspeção, quando recebemos um telefonema (naquele tempo não havia celular) do nosso chefe imediato, solicitando que nos deslocássemos, o mais rápido possível, para outra Prefeitura, que ficava alguns quilômetros mais à frente, onde, na noite anterior, o prefeito tinha sido afastado pela Câmara Municipal.

Mal chegamos e já deu para sentir o clima que iríamos enfrentar nesses dias, pois havia uma multidão de pessoas aglutinadas na porta principal da Prefeitura, à espera de alguma decisão.

No momento, a atitude mais prudente a ser tomada foi mantermos a calma, conversarmos com as pessoas que nos acompanharam e inteirarmo-nos dos fatos, para só depois, então, optarmos por onde começar o trabalho.

De todos os funcionários existentes, o contador era o mais visado, pois recaía sobre ele a responsabilidade dos prováveis erros causados naquela administração.

E não deu outra: de tanta pressão que ele sofreu por parte dos agitadores, sem mais nem menos, foi acometido de um mal-estar e, subitamente, caiu desmaiado no meio do corredor, provocando o deslocamento de todo mundo para socorrê-lo.

Após algumas horas, para a alegria de todos, ficou comprovado que tudo não passou de uma queda de pressão e, após receber medicação, já estava no nosso meio, assistindo-nos com boa vontade e delicadeza.

O LANCHE QUE NÃO VEIO

*Espera sempre o melhor, prepare-se
para o pior e aceite o que vier.*

Provérbio Chinês

Mais uma missão cumprida, desta vez voltávamos exaustos do município de Confresa-MT, juntamente com a colega Jussara Alves (Jussarinha), a bordo do conhecido Caravan, cujo percurso foi feito em duas etapas: o primeiro trecho até Gurupi-TO, depois Minassu-GO.

Nessas paradas, o comandante da aeronave informou que o tempo de permanência no solo seria de, no máximo, 20 minutos, quando aproveitamos para ir ao banheiro, saciar a sede e, logo em seguida, retornar aos nossos respectivos assentos, para mais um trecho a ser vencido até Brasília-DF, a fim de pegarmos outro avião de carreira com destino a Cuiabá-MT.

Como a viagem era longa, saímos muito cedo de Confresa-MT, tomamos apenas um cafezinho básico, ficando na expectativa de que, quando chegássemos ao aeroporto de Brasília-DF, pudéssemos comer alguma coisa.

Porém, em decorrência de um extenso atraso numa dessas escalas, nossa chegada deu-se em cima da hora da nossa partida, não sobrando, portanto, tempo para mais nada.

Ficamos, então, na expectativa do lanche que seria servido no avião, o que também não ocorreu, devido ao mau tempo e muita turbulência nesse trecho, provocando assim a suspensão dos serviços de bordo.

Conclusão: chegamos semimortos de fome no aeroporto de Cuiabá-MT.

Finalmente, em nossas casas, pudemos tirar “a barriga da miséria” pelas horas que passamos sem comer, nessa inesquecível viagem.

SENHA VENCIDA

*Esses padres conhecem mais pecados
do que a gente...*

Mario Quintana

Na criação de um novo município, o governo geralmente estimula a sua ocupação, oferecendo lotes e outros incentivos para quem quiser ali se instalar.

Nessas horas, é comum aparecer gente de todo tipo e lugar. Gente boa, gente ruim, como também uma leva de aventureiros em busca de riqueza e vida fácil.

Com este município, a situação não aconteceu diferente.

Numa leva de gente, veio junto um padre descendente de alemães, já com a idade bastante avançada.

Como a promiscuidade corria solta por lá, as pessoas sempre procuravam pelo velho religioso, numa confissão em busca da salvação de sua alma. Contavam seus pecados, na maioria das vezes acompanhados de algumas aventuras amorosas proibidas.

Neste caso em particular, a senha usada era “escorregar”, ou seja, vinha o camarada, contava suas perversões normais e, como tinha pulado a cerca, dizia:

— Seu padre, esta semana escorreguei duas vezes — e assim por diante.

Porém, como todo mortal um dia tem que deixar esta vida e partir para outra, com este padre não poderia ser diferente: certo dia, partiu deixando muita saudade na comunidade.

Logo em seguida, foi designado pelo bispo da prelazia um novo padre, desta vez bem jovem.

No início, como não conheciam direito a que viera o novo reverendo, as pessoas se limitavam a contar somente os pecados comuns.

Entretanto, com o passar do tempo, começaram a mesclar junto aos mesmos que também tinham “escorregado”. Dizem que tinha gente que chegava a escorregar até três vezes numa semana.

O padre, injuriado com essa situação, resolveu se queixar ao prefeito, dizendo que não aguentava mais ouvir das pessoas os escorregões que levavam nas ruas e calçadas da cidade, afirmando:

— Prefeito, o senhor tem que tomar alguma atitude, mande tampar esses buracos todos, pois do jeito que está não pode continuar!

Como o prefeito conhecia muito bem essa “senha”, não aguentou em risos, no que o padre respondeu:

— O senhor está rindo? Pois fique sabendo que a sua esposa, só esta semana, escorregou duas vezes!

Desse jeito, acabou com a graça do prefeito, revelando o mais precioso dos segredos daquela localidade.\

A BELA QUERÊNCIA

*O tempo passa e a gente nem percebe.
E, quando nos damos conta, nada
mais está como era antes.*

Há muito tempo atrás, na companhia do colega Antônio Felipe Camarão (hoje, este colega se encontra desfrutando da sua aposentadoria na bucólica Chapada dos Guimarães-MT) fomos os pioneiros em realizar inspeção *in loco* no município de Querência-MT, que se despontava no vale do Araguaia, distante quase mil quilômetros da capital Cuiabá-MT, numa época em que tudo estava por fazer.

Vislumbrava apenas os traçados de algumas ruas, com muita máquina rasgando aquele chão vermelho, poucas casas edificadas, um barracão onde funcionava a Prefeitura, seu pátio de máquinas e nada mais.

Recordo-me de que não havia até então nenhum hotel e nem restaurante, apenas uma minúscula e humilde pensão que, por sinal, nos recepcionou com muita cortesia.

Lembro-me de que nos levaram para conhecer o futuro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), ainda em fase de acabamento, considerando que a sua colonização se fazia em torno dos irmãos sulistas, que ali escolheram como sendo o seu segundo lar.

O que muito nos chamou a atenção foi a confecção do tablado, erguido para servir de pista de dança, onde se via um espaço de, aproximadamente, 5 cm entre ele e o contrapiso.

Segundo explicações, seria para melhorar a sonoridade das botas dos dançarinos, quando ali se exibissem.

Tempos depois, mais precisamente no mês de outubro de 2011, retornamos ao mesmo lugar, desta feita na companhia do colega Moreno Augusto, jovem promessa deste Tribunal de Contas, onde pudemos ver a transformação maravilhosa por que passou esta cidade.

Não consegui me lembrar de nada, a não ser do velho CTG, que permanecia imponente no mesmo lugar.

Inúmeros hotéis de primeira linha foram construídos, todos com lotação esgotada, bares cheios de gente, à noite, ruas largas, enfim, daquela velha “Querência” de outrora que havia em minha mente, ficou somente a lembrança desta cidade hoje transformada numa das mais belas do nosso Mato Grosso, onde o progresso chegou para ficar. Quiçá daqui a alguns anos, possa superar muitas cidades do nosso Brasil.

EXEMPLO DE SUPERAÇÃO

Forte é aquele que não desiste dos seus sonhos, mesmo com tantas dificuldades no caminho.

Muitas das coisas que presenciamos nessas andanças permanecem vivas em minha memória.

Este caso foi um dos que mais chamou minha atenção, quando o ouvi de algumas pessoas que conheci na Prefeitura de Porto Esperidião-MT, situada na região da grande Cáceres-MT.

Os servidores municipais, em busca de ampliar seus horizontes nos estudos e melhorar de nível no emprego na Prefeitura, resolveram cursar uma faculdade no município vizinho de Mirassol do Oeste-MT.

Até aí nada demais, pois este é um sonho acalentado por todos nós. Porém, naquela época, não havia asfalto nas rodovias entre as duas cidades e o percurso era feito em estrada de chão, a bordo de uma velha e cansada Kombi, que, devido ao seu longo tempo de uso, costumava deixar o grupo na mão, até que algum mecânico providenciasse o concerto.

Quando isso acontecia, a viagem era feita na carroceria de uma caminhonete, e os alunos correndo o risco de algum acidente fatal.

Como entrava muita poeira no carro, para não chegarem na faculdade sujas pelo pó ou pela lama, as pessoas se enrolavam em lençóis, que somente eram tirados quando lá chegassem para assistirem às aulas, de maneira que pudessem ter o mínimo de dignidade junto aos demais colegas.

E assim foram os longos quatro anos que passaram nessa situação, até que chegou o grande dia da formatura, onde estes heróis anônimos colaram grau.

Quando ouvi esta história e vi as fotos exibidas no álbum de formatura, veio-me à mente a ideia de que há inúmeras pessoas que têm de tudo na mão e não conseguem esta bravura... Portanto, fica aqui nosso registro de admiração por esses bravos companheiros.

FALSO MENDIGO

*Nunca existiu uma grande inteligência
sem uma veia de loucura.*

Aristóteles

Certa feita, uma equipe nossa estava num determinado município e, na hora das refeições, sempre havia um camarada que se aproximava deles com trajes semelhantes aos de um pedinte, desses que sempre ficam pelos bares da vida à espera de uma alma caridosa para lhes dar alguma esmola.

O interessante nesta história foi que o nosso personagem, apesar de parecer com um mendigo, nunca solicitava nada das pessoas, apenas ficava ali por perto, como quem estava interessado em ouvir ou participar da conversa alheia.

Foi quando um dos colegas, desconfiado desta situação, resolveu investigar por conta própria quem era aquele camarada.

Sendo assim, descobriu que aquele sujeito com “ar” de mendigo era, na verdade, o vereador mais votado daquela cidade.

Depois da descoberta, o colega se aproximou dele e pôde notar o alto poder de persuasão que ele possuía, discutindo qualquer assunto, ou seja, aquele ditado que diz: “Quem vê cara, não vê coração” encaixava-se como uma luva neste caso.

ALMOÇO DE DOMINGO

Cada dia, a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.

Mahatma Gandhi

Estávamos num município do baixo Araguaia, conhecido tristemente como “Vale dos Esquecidos”, cuja realidade felizmente vem mudando com a chegada do progresso e do asfalto na BR-163, que leva até ao estado vizinho do Pará.

Era mais uma cidade que não tinha muita opção, tanto em hotel quanto em restaurante, coisas que estamos acostumados a enfrentar nesses anos todos percorrendo o estado de Mato Grosso.

Apesar de toda dificuldade, o melhor restaurante da cidade sempre tinha a nos oferecer alguma coisa, tanto no almoço como no jantar. O que não sabíamos era que, no domingo, ele não funcionava.

De volta à pensão, onde tínhamos que nos contentar com algumas barrinhas de cereais que sempre carregamos na mala, passou por nós um carro de som anunciando que haveria um grande almoço numa determinada igreja evangélica, mais precisamente uma

“galinhada com arroz”, a fim de angariarem recursos para a futura ampliação de sua estrutura física.

Foi a salvação da lavoura, pois, além de saciarmos o apetite voraz, fomos muito bem recebidos pelos irmãos daquela comunidade.

O único problema encontrado, talvez por se tratar de igreja e ainda evangélica, é que não tinha aquela tradicional “gelada”, para tirarmos o pó da garganta.

E não sabemos explicar se foi por causa da fome, mas confesso que saboreamos a “galinhada com arroz” mais gostosa de toda a nossa vida.

REFLEXÃO FINAL

*Deus nos concede, a cada dia, uma
página de vida nova no livro do
tempo. Aquilo que colocamos nela
corre por nossa conta.*

Anônimo



Reinaldo Thommen nasceu em Cuiabá-MT, em 1954. Graduiu-se em Administração em 1981, pela UFMT. O gosto pela leitura e a escrita o acompanham desde a mais tenra idade.

Há mais de vinte e sete anos trabalhando como auditor, viajou por várias cidades de Mato Grosso, onde conheceu pessoas e teve a oportunidade de ser ouvinte de suas histórias.

Pensando que essas situações vividas pudessem se transformar em momentos de pura descontração, reflexão e aprendizado, reuniu neste livro relatos curiosos e/ou engraçados partilhados por seus protagonistas.

Esperamos que vocês desfrutem de O Lado Pitoresco das Auditorias da mesma forma que o autor se divertiu ao reunir as histórias e escrevê-las.

Rozidelma S. Daltro Thommen



PUBLICONTAS
Editora do Tribunal de Contas de Mato Grosso



Tribunal de Contas
Mato Grosso
INSTRUMENTO DE CIDADANIA

Rua Conselheiro Benjamin Duarte Monteiro, nº 1
Centro Político Administrativo - Cuiabá-MT - CEP 78049-915
(65) 3613-7561 - publicontas@tce.mt.gov.br

ISBN 978-85-98587-40-0



9 788598 587400